


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ESTER TEREZA SENGER PETRONI

**PERFIL PESSOAL E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: UMA INVESTIGAÇÃO
COM PROFISSIONAIS PERTENCENTES À DIRETORIA DE ENSINO
DE JAÚ-SP**



**ARARAQUARA – SÃO PAULO
2007**

ESTER TEREZA SENGER PETRONI

**PERFIL PESSOAL E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: UMA INVESTIGAÇÃO
COM PROFISSIONAIS PERTENCENTES À DIRETORIA DE ENSINO
DE JAÚ-SP**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Educação Escolar.

Eixo temático: Trabalho Educativo

Linha de pesquisa: Trabalho Docente

**Orientador: Prof. Dr. Edson do Carmo
Inforsato**

**ARARAQUARA – SÃO PAULO
2007**

Petroni, Ester Tereza Senger

Perfil pessoal e profissional de professores do ensino fundamental e médio: uma investigação com profissionais pertencentes à diretoria de ensino de Jaú-SP / Ester Tereza Senger Petroni – 2007

107 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Edson do Carmo Inforsato

1. Educação--Brasil. 2. Ensino. 3 Professores--Avaliação.
4. Professores de ensino fundamental. 5. Professores de ensino médio. 4. Jaú (SP). I. Título.

ESTER TEREZA SENGER PETRONI

**PERFIL PESSOAL E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: UMA INVESTIGAÇÃO
COM PROFISSIONAIS PERTENCENTES À DIRETORIA DE ENSINO
DE JAÚ-SP**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Trabalho Docente

Data de aprovação: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Edson do Carmo Inforsato

Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Araraquara

Membro Titular: Prof.^ª Dr.^ª Marisa Aparecida Pereira Santos

Universidade do Sagrado Coração – USC/ Bauru

Membro Titular: Prof. Dr. Mauro Carlos Romanatto

Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara.

A você Mami,

que foi e sempre será para mim, o exemplo de MULHER.

Guerreira, amiga.

Mulher simples e sábia,

que com infinito e incondicional amor,

ensinou-me os verdadeiros valores da vida.

Mãe... sei que em seu repouso eterno está feliz por esta minha conquista!

Obrigada minha mãe, eu te amo!

Claudio, Claudinho e Gabriel, os três grandes homens de minha vida...

Esta conquista é para vocês... que sempre estiveram ao meu lado,

com carinho, incentivando e torcendo para que tudo desse certo.

Obrigada por compreenderem os grandes momentos de ausência.

Amo vocês, para sempre!

Às minhas irmãs:

Neusa, Vera e Walzira,

Admiráveis mulheres! Obrigada pelo carinho e apoio.

E que nos últimos tempos,

tão bem souberam compreender minha falta de tempo e atenção.

Muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

A **Deus** pelo dom da vida.

Ao **Prof. Dr. Edson do Carmo Inforsato**, pelo investimento em meu crescimento, pela paciência e sabedoria com que orientou meus estudos durante o período do mestrado.

A **Fátima** e a **Lívia**, sua esposa e filha, agradeço a atenção e o carinho com que sempre me receberam.

À Dirigente **Profª. Maria Teresa C. Piragine Fiorelli** e aos **Professores** da Diretoria de Ensino de Jaú, que se dispuseram a colaborar com meu estudo. Vocês são realmente Educadores.

À **Profª. Drª. Marisa Aparecida Pereira Santos** e ao **Prof. Dr. Mauro Carlos Romanatto**, que gentilmente aceitaram o convite para conhecer meu estudo, e se dispuseram a analisar e oferecer orientações e indicações para o seu enriquecimento.

À **Profª. Drª. Maria Cristina Senzi Zancul** e **Profª. Regina Tancredi**, pela aceitação em participar deste momento de minha vida.

À **Profª. Drª. Ir. Evanira Maria de Souza**, pelo incentivo e apoio nesta caminhada, sempre confiando e incentivando meu crescimento.

Ao **Prof. Ms. Marcelo Mendes dos Santos**, companheiro incansável, amigo que durante todo o tempo esteve ao meu lado refletindo, discutindo, dando dicas que foram fundamentais para a efetivação deste estudo. À sua esposa, **Prof.ª. Ms. Thelma M. M. Santos**, pela ajuda e compreensão das suas ausências, inclusive nos feriados e finais de semana.

À **Profª. Esp. Cristiane Thomazini** e seu esposo **Adhemar Rocha Junior**, pela ajuda e paciência em todos os momentos.

À **Profª. Ms. Valéria Biondo**, pela disponibilidade e competência verificando a Língua Portuguesa e a Inglesa.

Ao **Prof. Ms. Elvio Gilberto da Silva** pela ajuda incansável nas questões da informática.

A **Ana Carolina Viranda Pereria**, pelo incentivo e paciência nas aulas de Inglês.

Aos tios: **Luiz, Lourdes, Ida e Zelinda Petroni**, pelo carinho, interesse e a força que sempre deram ao meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus primos/irmãos **Lázaro, Tereza e Junior**, pelo incentivo e a atenção que sempre me dedicaram.

Aos **professores, alunos e funcionários** do Curso de Psicologia da USC, pela compreensão nos vários momentos de minha ausência da Coordenação do Curso.

RESUMO

Investigação científica integrada ao Programa de Educação Escolar – Eixo Temático: Trabalho Educativo; Linha de Pesquisa: Trabalho Docente. Trata-se de um estudo empírico objetivado a traçar o perfil de professores. Participaram deste estudo 100 professores do segundo ciclo do ensino fundamental e ensino médio pertencentes à diretoria de ensino de Jaú bem como de um programa de formação continuada oferecido pelo governo do estado de São Paulo em parceria com uma Universidade Comunitária. O questionário foi constituído de 56 itens agrupados em três categorias: 1. identificação pessoal e profissional; 2. acesso à cultura e atualização profissional; e 3. avaliação da profissão e prática docente, sendo aplicado de forma coletiva e em período de aula. Os dados foram analisados à luz da estatística descritiva, utilizando-se como recurso a ferramenta SPSS/ForWindows. Através do método estatístico foi possível descrever os dados obtidos para proporcionar discernimento entre o perfil de professores brasileiros e o da amostra estudada. Os principais achados deste estudo apontam para as seguintes características do perfil do professor: a grande maioria constitui-se de professoras, portanto há uma prevalência absoluta do sexo feminino; a faixa etária desta categoria se concentra entre 26 a 45 anos; o tempo de atuação se situa entre 11 e 20 anos; a grande maioria cursou o ensino fundamental e médio na rede pública e a graduação na rede privada; como o rendimento familiar médio aproximado é de 6 a 10 salários-mínimos, é grande a proporção daqueles que possuem computador em casa. No que diz respeito ao acesso à cultura, os participantes apresentaram uma diversidade de atividades culturais, desde ir ao cinema até o show de rock, com distribuição de frequências diferentes e marcadas por três índices: ir ao cinema, assistir a fitas de vídeo e frequentar ambientes com música ao vivo, tendo como referência o último ano. Somando-se a estas constatações também podem ser encontrados dados significativos sobre o incentivo à leitura (oriundo primeiramente da mãe, o que pode estar atrelado ao modelo familiar que o professor vivenciou em que a figura materna torna-se responsável pela educação dos filhos). Quanto à atualização profissional, os participantes indicaram com uma frequência significativa à participação em eventos científicos e nos cursos de capacitação. Os periódicos preferidos são os de circulação nacional, sendo um com caráter de informação e outro voltado à atualização profissional. No que diz respeito à avaliação da profissão, ressalta-se a pequena inserção do professor na tomada de decisões, a avaliação pela sociedade e pela categoria como um incremento para a construção do autoconceito negativo da profissão, gerador de fatores de insatisfação e, por conseguinte, do mal-estar docente. Quanto aos fatores próprios do exercício docente, analisei questões relativas basicamente ao planejamento, manejo da prática pedagógica e avaliação, encontrando entre elas pontos de discordância e semelhanças, o que evoca múltiplas discussões de cunho teórico e prático.

Palavras-chave: Perfil pessoal e profissional. Atualização e acesso à cultura. Avaliação da profissão e prática docente.

ABSTRACT

Scientific investigation integrated to the program on Education – Thematic Focus: Educational Work; Research Focus: Teacher Work. This empirical study aims at tracing teachers' profile. The study involved 100 teachers of elementary school (segment II) and secondary school, who belong to the education bureau of Jaú and who attend a São Paulo state sponsored course of continual formation held in partnership with a regional Community University. The questionnaire was formed by 56 items grouped in three categories: 1. personal and professional identification; 2. access to culture and professional update; and 3. assessment of the profession and of the teaching practice, and it was applied collectively and during classes time. Data were then analyzed in light of descriptive statistics using SPSS/ForWindows, allowing us to describe the data obtained to provide discernment between the Brazilian teachers profile compared to that of the sample under study. The main findings point that: most teachers are female, indicating to an absolute prevalence of women in the area; the more prevalent age range is between 26 and 45 years; the time in service is found between 11 and 20 years; most subjects attended public schools during elementary and secondary education but attended private institutions of higher education; since the approximate average family earnings is of 6 to 10 minimal salaries, the proportion of teachers who have a computer at home is high. In terms of access to culture, participants present a diversity of cultural activities such as going to the movies or to rock concerts, with different frequency distribution marked by three indexes: going to the movies, watching videos at home, and going to places with live music playing, where the reference was last year. Together with such findings other meaningful data related to reading habits were found. Stimulation to reading in childhood was found to come primarily from mothers, what may be linked to the family model in which teachers lived having the maternal figure as responsible for children education. In terms of professional update, teachers indicated a meaningful frequency concerning their participation in scientific events and in continual formation courses. Their favorite journals are those of national circulation: one with an information character and the other turned to professional update. In what concerns the assessment of the profession, it should be highlighted the small insertion of the teacher in pedagogical decisions, the evaluation by society and peers as an increment to the construction of a negative self-conception of the profession, what generates factors of dissatisfaction and teacher ill-being. In terms of the factors which are proper of teaching, this study analyzes issues related basically to pedagogical planning and practice as well as evaluation, finding points of discordance and similarities that evoke multiple discussions of a theoretical and a practical nature.

Keywords: Personal and professional profile. Professional update and access to culture. Assessment of the profession and of the teaching practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa do Município de Jaú.....	28
--	-----------

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Categoria 01: Identificação Pessoal e Profissional.....	33
Quadro 02: Categoria 02 – Acesso à cultura e Atualização profissional.....	34
Quadro 03: Categoria 03 – Avaliação da Profissão e Prática docente	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Gênero.....	36
Tabela 03 - Estado civil.	37
Tabela 04 – Proporção de professores segundo outras configurações familiares.	38
Tabela 05 – Proporção de professores segundo a presença de filhos.....	38
Tabela 06 – Proporção de professores segundo o número de filhos.	39
Tabela 07 – Proporção de professores segundo a modalidade de instituição em que fez o Ensino Fundamental.....	39
Tabela 08 – Proporção de professores segundo a modalidade de instituição em que fez o Ensino Médio.....	40
Tabela 09 – Proporção de professores solteiros segundo o nível de escolaridade paterna.	40
Tabela 10 – Proporção de professores (solteiros) segundo o nível de escolaridade materna.	41
Tabela 12 - Proporção de professores que possuem outros membros da família constituída que atuam na Docência.	42
Tabela 13 – Proporção de professores segundo a profissão do cônjuge ou companheiro.	43
Tabela 16 – Proporção de professores segundo a condição de moradia.	45
Tabela 17 – Proporção de professores segundo a identificação com a classe social..	46
Tabela 18 – Proporção de professores segundo o grau de mobilidade social.	47
Tabela 19 – Proporção de professores segundo disponibilidade de tempo para o lazer.	47
Tabela 20 – Proporção de professores segundo a presença de computador em casa.	48
Tabela 21 - Proporção de professores segundo a instituição em que fez o curso de graduação.	48
Tabela 23 - Proporção de professores segundo o tempo de formação.....	50
Tabela 24 - Proporção de professores segundo o tempo de atuação no magistério. ..	51
Tabela 25 - Proporção de professores segundo a modalidade de escola no início da carreira.	52
Tabela 26 – Proporção de professores segundo sua situação funcional atual.	52
Tabela 27 – Proporção de professores conforme o número de aulas semanais.....	53
Tabela 28 – Proporção de professores segundo os números de aula na mesma escola..	54
Tabela 29 – Proporção de professores segundo a atuação em outra atividade remunerada, além do magistério.....	55

Tabela 30 – Proporção de professores que atuam também na rede particular de ensino.	56
Tabela 31 - Proporção de professores segundo o tempo de atuação na rede particular.....	56
Tabela 32 - Proporção de professores segundo o nível de ensino na rede particular.	56
Tabela 33 – Proporção de professores quanto à aspiração profissional.....	57
Tabela 34 - Proporção de professores segundo incentivo familiar quanto à leitura..	58
Tabela 35 – Proporção de professores segundo incentivo familiar para freqüentar eventos culturais	58
Tabela 36 – Proporção de professores conforme hábito da família de origem.....	59
Tabela 37 – Proporção de professores conforme o hábito de outros membros da família.	59
Tabela 38 – Proporção de professores segundo o tipo de leitura preferida.....	60
Tabela 39 – Proporção de professores segundo outros tipos de leituras preferidas. .	60
Tabela 40 – Proporção de professores quanto à freqüência a museus no último ano. ..	61
Tabela 41 – Proporção de professores quanto à freqüência em exposições de centros culturais no último ano.....	61
Tabela 42 - Proporção de professores quanto à freqüência ao cinema no último ano...	62
Tabela 43 - Proporção de professores quanto a assistir fita de vídeo em casa no último ano.....	62
Tabela 44 - Proporção de professores quanto à freqüência a shows de rock no último ano.	62
Tabela 45 - Proporção de professores quanto à freqüência a shows de música popular ou sertaneja no último ano.....	63
Tabela 46 - Proporção de professores quanto à freqüência a concerto de música erudita ou ópera no último ano.	63
Tabela 47 - Proporção de professores quanto à freqüência em danceterias, bailes, bares com música ao vivo no último ano.	64
Tabela 48 - Proporção de professores quanto à freqüência em clubes no último ano... ..	64
Tabela 49 - Proporção de professores quanto à freqüência em estádios esportivos no último ano.....	64
Tabela 50 – Proporção de professores segundo a participação em eventos.....	65
Tabela 51 – Proporção de professores quanto à freqüência em cursos de capacitação.	65
Tabela 52 – Proporção de professores segundo a assinatura de periódico.	66
Tabela 53 – Proporção de professores segundo os tipos de periódicos preferidos.	67

Tabelas 54 – Proporção de professores segundo as justificativas para a não assinatura de periódico.	67
Tabela 55 – Proporção de professores segundo a avaliação da progressão continuada.	68
Tabela 56 – Proporção de professores segundo a avaliação sobre o apoio pedagógico.	69
Tabela 58 – Proporção de professores segundo a valorização da profissão pela sociedade brasileira.	70
Tabela 59 -- Proporção de professores segundo a avaliação da profissão pela própria categoria.	71
Tabela 60 – Proporção de professores segundo a definição e contribuição da formação continuada para a prática educativa.	72
Tabela 61 – Proporção de professores segundo os estímulos considerados eficazes para realizar um Curso de Formação Continuada.	73
Tabela 62 – Proporção de professores segundo as horas semanais dedicadas ao planejamento.	73
Tabela 63 – Proporção de professores segundo a existência ou não de dificuldades com as formas de planejamento.	74
Tabela 64 – Proporção de professores conforme a presença ou não de dificuldade para avaliar.	74
Tabela 65 – Proporção de Professores que encontram dificuldades nas atividades de avaliação/correção.	75
Tabela 66 - Proporção de professores segundo o estabelecimento da disciplina dos alunos em sala de aula.	75
Tabela 67 – Proporção de professores segundo o domínio de novos conteúdos.	76
Tabela 68 – Proporção de professores segundo a falta de definição e objetivos claros.	77
Tabela 69 – Proporção de professores com relação às características sociais dos alunos.	77
Tabela 70 – Proporção de professores quanto a organizar o trabalho em sala de aula.	78
Tabela 71 – Proporção de professores segundo a importância do uso do computador na prática pedagógica.	78
Tabela 72 – Proporção de professores segundo os motivos pelos quais atribuem importância ao computador para a prática pedagógica.	79
Tabela 73 – Proporção de professores segundo o local de utilização de computador....	80
Tabela 74 – Proporção de professores segundo a escolha de atividades a partir do aumento salarial.	81
Tabela 75 – Proporção de professores segundo opinião a respeito do HTPc.	82

Tabela 76 - Proporção de professores segundo avaliação do seu relacionamento com os colegas.	83
Tabela 77 – Proporção de professores na avaliação do seu relacionamento com o coordenador pedagógico.	83
Tabela 78 – Proporção de professores na avaliação do relacionamento com os funcionários.....	84
Tabela 79 – Proporção de professores segundo o relacionamento com o aluno.....	84
Tabela 80 – Proporção de professores segundo o relacionamento com o diretor.	85
Tabela 81 – Proporção de professores segundo a avaliação do relacionamento com pais de alunos.	85

LISTA DE SIGLAS

CEART – Especialistas na Aplicação das Recomendações Relativas ao Status dos Professores (Committee of Experts on the Application of the Recommendation concerning the Status of teachers)

CLT – Consolidação de Leis Trabalhistas

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

DE – Diretoria de Ensino

EF – Ensino Fundamental

EM – Ensino Médio

EURYDICE – Rede Européia de Informações sobre Educação (European Network for Information in Education – Eurydice)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBE – Bureau Internacional da Educação (International Bureau of Education)

IIEPE – Instituto Internacional de Planeamiento de La educación

HTPc – Horário de Trabalho Pedagógico coletivo

LAPPEE – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Escolar/ Educacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

OIT – Organização Internacional do Trabalho

OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

SPSS – Statistical Package for Social Sciences

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

USC – Universidade do Sagrado Coração

WEI – Word Education Indicator

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 PROPOSIÇÕES, PROBLEMA, OBJETIVOS	25
3 METODOLOGIA.....	27
3.1 Abordagem	27
3.2 Participantes	28
3.3 Instrumento.....	29
3.4 Procedimentos	30
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
4.1. Categoria 01 – Informação Pessoal e Profissional	36
4.2. Categoria 02 – Acesso à Cultura e Atualização Profissional	58
4.3. Categoria 03 – Avaliação da Profissão e Prática docente	68
5 CONCLUSÃO.....	87
REFERÊNCIAS.....	92
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	94
ANEXOS	95
ANEXO A - Termo de livre consentimento esclarecido.....	95
ANEXO B – Questionário.....	96
ANEXO C - Relação dos países que pertencem a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE	105
ANEXO D - Relação dos países participantes do World Education Indicators - WEI.....	106

1 INTRODUÇÃO

Entre os múltiplos recortes sobre a educação escolar, encontra-se a prática docente e, mais amiúde, a figura do professor como construtor da identidade profissional no contexto brasileiro. A identidade de cada pessoa/profissional estabelecida no convívio social, ou seja, abrigada nos múltiplos papéis desempenhados socialmente, que conjugam as características singulares de um indivíduo ao contexto em que está inserido, onde se dá sua convivência humana. A identidade, por sua vez, está em permanente construção e se produz na articulação com a alteridade, implicando o reconhecimento recíproco entre ambas (RIOS, 2001).

O perfil pessoal e profissional do professor está representado, neste trabalho, pelas seguintes dimensões: identificação pessoal e profissional; acesso à cultura, atualização profissional e prática docente (planejamento, execução e avaliação).

Quanto às questões da construção da identidade pessoal, neste estudo deu-se importância maior para a família, um dos núcleos sociais que vem passando por modificações significativas e que influencia de modo intenso o perfil psicossocial do indivíduo. (OSÓRIO; VALLE, 2002).

Quanto às questões relativas à construção da identidade profissional do professor, Nóvoa (1991) refere-se às alterações do trabalho docente e da escola no decorrer da história, fato que nos leva a considerar que ao longo do tempo os sistemas de ensino, a escola e o papel do professor sofreram significativas transformações em decorrência dos modelos culturais, sociais e econômicos, exigindo uma reflexão sobre quem é o professor, quem é o aluno, qual é o papel da escola, bem como os desafios impostos à educação na atualidade.

Compondo com essas referências de estudo não posso negligenciar minha experiência em formação de professores e psicólogos para a atuação escolar, a qual me possibilitou interlocuções com os mais variados níveis de ensino, acarretando múltiplas leituras sobre o profissional na educação geradoras de intervenções na realidade atreladas às necessidades das instituições educativas e promotoras de transformações e melhoria na qualidade do trabalho docente.

No decorrer dos 28 anos de experiência com a docência no ensino superior as atividades profissionais me colocaram em contato próximo com o trabalho do professor da educação básica, o que permitiu acompanhar, ao longo destes anos, uma perda significativa no status profissional do professor, tendo como referência os âmbitos econômico e social.

As informações obtidas em diversas fontes, tais como, livros, revistas, artigos, internet, supervisões de estágios, discussões profissionais e apresentação em eventos científicos e as observações diretas da minha prática docente, indicam que nas últimas décadas inúmeros países empreenderam significativas transformações educacionais que resultaram em importantes avanços no aumento do número de vagas oferecidas em diferentes níveis educacionais, fenômeno gerador de alterações no estilo de gestão escolar, metodologias diferenciadas para cada contexto ou realidade educativa, visando conceder à instituição mais autonomia e maior responsabilidade nos resultados obtidos no processo educativo.

Gatti (1996) diz que as transformações pelas quais passa a profissão docente são devidas a inúmeros fatores, entre eles, o aumento no número de alunos, as diferenças socioculturais, a necessidade de melhoria na qualidade do ensino, as novas formas metodológicas de tratar o conhecimento, a aprendizagem e o ensino, fatores esses que aconteceram concomitantemente com a falta de priorização político-econômica da educação e a prevalência de seu caráter hierárquico e burocrático com a excessiva centralização das instâncias decisórias do sistema educativo. Desta maneira, surgem novos contextos de atuação em que os professores têm que assimilar o novo processo pedagógico, elucidar a quem e para que ele serve, explicar suas contradições e, com base nas condições concretas, promover as necessárias articulações para construir coletivamente alternativas que coloquem a educação a serviço do desenvolvimento de relações verdadeiramente democráticas. No entanto, não há um processo de estímulo para que isso ocorra. O descrédito dos profissionais do ensino nos sistemas responsáveis pela sua gestão se intensifica a partir do momento em que os pronunciamentos oficiais sobre a educação estão em desacordo com as ações efetivas de melhoria das condições de sua operacionalização.

Tais mudanças não trouxeram propostas inovadoras para a profissão docente, mas somente ratificaram as ambigüidades. Ou seja, se por um lado, o professor é visto com desconfiança e como profissional despreparado, por outro, é considerado o elemento essencial para o fortalecimento e a melhoria da qualidade de ensino, o qual possa dar conta da formação integral do cidadão. (NÓVOA, 1999).

Libâneo (2003, p.9) comenta que “[...] tudo o que esperamos da escola para os alunos são, também, exigências colocadas aos professores”. Nesta fala, o autor indica o quanto a sociedade e as políticas públicas transferem para o profissional professor a responsabilidade que é de toda a equipe educativa, como também das autoridades governamentais, da família e da própria comunidade. Assim, ser professor hoje exige oferecer aos alunos uma formação integral e sólida, capaz de desenvolver competências e habilidades para pensar e resolver

cientificamente os problemas humanos, como também construir uma nova postura ético-valorativa de recolocar princípios e valores humanos como subsídios democráticos.

Vários autores discutem a necessidade dos docentes e instituições formadoras para o magistério se voltarem para a formação do professor desenvolvendo competências e habilidades para adequar sua metodologia à realidade da sociedade, do conhecimento, do aluno, das diferenças culturais, das novas tecnologias e meios de comunicação. Libâneo (2003, p.10) diz ainda que o novo professor precisa: “[...] de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias”.

Ao mesmo tempo em que se observam tais transformações, constata-se que os resultados não são positivos no que diz respeito ao desempenho dos alunos da educação básica. Esteve (1999) diz que os progressos são lentos e existem desigualdades bastante significativas, expressas, entre outras formas, nos resultados do desempenho do alunado de diferentes procedências sociais.

Mesmo sabendo que o êxito da aprendizagem depende de múltiplos e complexos fatores, não se pode negar que uma possível explicação para o baixo impacto das reformas no processo ensino-aprendizagem reside no **fator docente**. Tedesco (2004) o conceitua como o conjunto de variáveis que define o desempenho dos mestres, professores e gestores das escolas, tais como, condições e modelos de organização do trabalho, formação, carreira, atitudes, representações e valores.

O autor acima observa a busca de revalorização do papel e da importância do docente, as políticas integrais que visam superar os enfoques unidimensionais adotados quando se trata do enfrentamento dos desafios impostos aos professores, propondo ações para melhorar o seu perfil, oferecer uma formação inicial de qualidade e estratégias de ascensão na carreira docente. Tais políticas exigem o conhecimento não só das condições de formação e materiais do professor, mas também das representações que os professores têm do seu trabalho, da sua profissão, dos seus alunos, suas expectativas quanto à formação do cidadão e, também, seus hábitos culturais.

De modo complementar, como docente-supervisora, ao acompanhar a elaboração, a execução e a avaliação de projetos de intervenção junto às instituições educativas, observo que grande parte dos professores mostra-se descontente, com certa carência de propósitos sobre sua atuação e, não raro, pouco motivados com a situação social da categoria, as condições de trabalho, a dicotomia entre os discursos oficiais e o suporte oferecido,

coleccionando, assim, experiências negativas que têm levado uma parte destes profissionais ao abandono da profissão ou, então, para muitos dos que permanecem, à realização de um trabalho precário e, por conseguinte, gerador de sofrimento psíquico.

Dessa forma, os professores manifestam por meio de expressões verbais e corporais um certo nível de mal-estar. Demonstram estarem insatisfeitos com a profissão e com o modo como são valorizados pelos vários segmentos sociais aos quais estão vinculados, desde aquele formado pelos seus alunos, passando pelas famílias dos alunos e indo até o segmento formado pela tecnoburocracia responsável pela gestão educacional pública.

Esteve (1999) observa que nos últimos anos têm aumentado as responsabilidades e as exigências atribuídas aos professores, ao mesmo tempo em que se operam profundas transformações no contexto de atuação profissional e social, fonte geradora de mal-estar para muitos, já que eles não as aceitam ou não têm sabido adaptar-se às novas condições e exigências.

Goble e Porter (1980 apud ESTEVE, 1999, p. 28) assinalam:

[...] o aparecimento de dificuldades evidentes devidas à transferência, por parte da comunidade social e da família, de algumas de suas atividades sociais e protetoras anteriores à escola, sem que essa transferência tenha sido acompanhada das necessárias mudanças na formação profissional dos educadores, preparando-os para enfrentá-las com êxito, nem dos meios de que dispunham para responder às novas exigências, nem, por último, das necessárias mudanças estruturais para adaptar-se às novas circunstâncias.

Essa ampliação do papel do professor, segundo os autores citados, em vez de motivar iniciativas para uma adaptação sistemática destes profissionais e também a revisão tácita dos cursos de formação inicial e continuada, provoca um aumento de incerteza no que se refere às competências e habilidades necessárias para o exercício do magistério, desenvolvendo crenças e sentimentos de incapacidade. Os professores demonstram no cotidiano de suas práticas a ausência de estratégias eficazes para enfrentar os novos desafios, principalmente no que diz respeito à eficácia de sua atuação profissional.

Entre as múltiplas dificuldades de enfrentamento apresentadas pelos professores e geradoras do mal-estar docente, Blase (1982) refere-se ao estresse dos professores, evidenciando dois fatores: **os primários**, como aqueles que influenciam diretamente a ação do professor no seu ambiente de trabalho, provocando tensões associadas a crenças, sentimentos e emoções negativas provocadoras de conflitos, seja entre os profissionais alocados na escola

seja em sala de aula no processo de interação com os alunos, interferindo no modo como o profissional resolve os conflitos próprios do exercício no magistério; e **os secundários**, que afetam a representação que o professor tem de sua profissão, comprometendo as crenças de autoeficácia, provocando a diminuição da motivação para o trabalho, seu envolvimento e esforço e provocadores de mal-estar subjetivo, interferindo sobre a imagem que o professor tem de si mesmo e do seu trabalho, fator gerador de uma crise de identidade marcada pela autodepreciação.

Nesse sentido, a prática como docente-pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Escolar/ Educacional – LAPPEE/ USC/ Bauru, aproxima-me dos fatores secundários quando desenvolvo projetos de investigação e intervenção sobre o estresse do professor, identificando eventos de vida profissional (falta de reconhecimento, necessidade de suporte pedagógico sistematizado, carga mental excessiva, número de aulas semanais, exercer atividades didático-pedagógicas em diversas instituições educativas, dificuldades em estabelecer relações seguras com a equipe educativa, falha nos processos de comunicação) presentes na prática educativa.

Os resultados preliminares desse estudo apontam para as seguintes vertentes: os professores que atuam no ensino fundamental ciclo II e ensino médio encontram-se expostos aos seguintes fatores de risco: lidar com as transformações pertinentes à adolescência, marcada pelas transições sofridas pelos alunos nas quintas séries (mudanças cognitivas, afetivas, sociais e comportamentais), enfrentar as mudanças nas políticas públicas, como a implementação e o gerenciamento de novos modelos de avaliação, ou seja, a progressão continuada, e gerenciar o tempo e recursos para o planejamento, execução e avaliação dos processos de aprendizagem e ensino.

Na literatura internacional também se encontram trabalhos científicos indicando que “a crise é geral e dupla: crise da instituição escolar cujo rendimento é dos mais medíocres; crise do ato pedagógico em si mesmo” (HAMON, ROTMAN, 1984, p.10 apud ESTEVE, 1999, p. 28).

Nóvoa e Tedesco, citados por Torres (1998), situam que a profissão docente tem uma origem que a coloca ligada ao Estado, ente responsável pela educação formal e, sem sombra de dúvidas, o maior provedor de todas as modalidades de ensino formal. A propósito, em que pese o avanço das escolas privadas na educação básica no Brasil, elas não atingem nem 15% dos alunos que atualmente freqüentam as escolas (IBGE, 2000)¹. Paradoxalmente, no entanto,

¹ IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [IBGE] *Censo demográfico, 2000: características da população e dos domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

o Estado tem presença frágil na formação inicial dos professores e, também, pouca oferta consistente e sistemática de processos de educação continuada.

Com isso, o professor, além de exibir uma formação inicial que deixa a desejar, tem poucas oportunidades de se capacitar em serviço. Portanto, com uma formação inicial precária, poucas oportunidades de formação em serviço e trocas com seus pares destituídos de qualidade profissional e formas de contato pessoal pouco agregadoras (INFORSATO, 1995), os professores, por hipótese, vão construindo uma categoria de profissionais cujas características indicam um quadro progressivo de mal-estar docente (ESTEVE, 1999). Estudos realizados em confluência com o mal-estar docente são aqueles que se destinam à sistematização de dados referentes ao estresse ocupacional, síndrome de bournout e desistência do magistério. (CODO, 2002).

Apesar da pouca oferta de programas de formação continuada de professores, particularmente no Estado de São Paulo encontram-se algumas iniciativas que têm possibilitado oportunidades aos professores. Desde os anos 80, vários projetos de capacitação têm despontado; no entanto, torna-se necessário olhar novamente para os programas de formação continuada, tendo como referentes: a continuidade, a efetividade para a melhoria na qualidade do trabalho docente e as condições de oferta.

André et al (1999) realizaram uma síntese integrativa do conhecimento produzido, de 1990 a 1996, através de dissertações e teses produzidas no Brasil em 10 periódicos sobre a formação de professores. Conforme a referida análise, dos 284 trabalhos sobre formação de professores consultados, 216 (76%) abordam a formação inicial, 42 (14,8%) a formação continuada e somente 26 (9,2%) enfocam o tema da identidade e da profissionalização docente.

Na referida síntese integrativa, os autores comentam que:

Os estudos sobre formação continuada analisam propostas de governo ou de Secretarias de Educação (43%), programas ou cursos de formação (21%), processos de formação em serviço (21%) e questões da prática pedagógica (14%). Embora o número de estudos sobre formação continuada seja relativamente pequeno, abrangendo 14,8% do total de trabalhos sobre formação docente, os aspectos focalizados são bastante variados, incluindo diferentes níveis de ensino (infantil, fundamental, adultos), contextos diversos (rural, noturno, à distância, especial), meios e materiais diversificados (rádio, televisão, textos pedagógicos, módulos, informática), revelando dimensões bastante ricas e significativas dessa modalidade de formação (ANDRÉ et al. 1999, p. 2).

Dois aspectos são percebidos nessa análise: o primeiro é que os temas identidade e profissionalização docente foram pouco explorados no conjunto das pesquisas analisadas, surgindo como tema emergente nos últimos anos, abrindo perspectivas para questionamento atual e de grande interesse, como por exemplo, a busca de identidade profissional do docente, a relação do professor com as práticas culturais, questões de carreira, organização profissional e sindical, e questões de gênero; o segundo é que os conteúdos abordados pelas pesquisas revelam tratar de questões pontuais de um curso, de uma disciplina, de uma proposta específica de formação continuada, baseadas em opinião de um grupo restrito, deixando de considerar questões mais abrangentes da formação docente (ANDRÉ et al. 1999).

André (2000) denomina de **aspectos silenciados** temas como a formação política do professor, suas condições de trabalho, formas de associação profissional, questões salariais e de carreira, já que são conteúdos muito pouco investigados no período de 1990 a 1998. Mostra também que outra modalidade pouco freqüente em tais estudos foi o tipo *survey*, ou seja, pesquisa de levantamento por meio de questionário. Muito utilizado nas pesquisas educacionais nas décadas de 1960 a 1970, este delineamento de investigação passou a ser pouco utilizado na década de 1980, chegando quase a desaparecer nos anos 90.

A autora citada acima considera importante que os cientistas e pesquisadores reconheçam a importância dos estudos deste tipo para a construção de conhecimento de forma abrangente e extensa, provocando um aumento em sua utilização. As idéias postas são concordantes com minha prática profissional, sobre a importância desse tipo de pesquisa na educação.

Arroyo (2000, p.34), em um estudo sobre as influências internas e externas sobre os professores, aponta que:

No convívio com professores e professoras, percebo que há uma preocupação por qualificarem-se, por dominar saberes, métodos para adequar a sua função social aos novos tempos, novos conhecimentos, novas tecnologias. Porém não é por aí que se esgota a inquietação. Há algo mais fundo nessa questão: o próprio sentido social de suas vidas, de seus esforços, de suas convicções, de suas condições de mestre. Entender o papel que exercem, o peso social e cultural que carregam. Sua condição. Seu ofício. Seu ser professor.

As informações colocadas pelo autor indicam que as iniciativas de formação estão alienadas do cotidiano dos professores. Elas são tímidas e assistemáticas por parte do estado,

pois se organizam em torno de concepções e metodologias em grande parte reprodutoras do academicismo dos currículos universitários. Isso reforça ainda mais minha convicção a respeito de que esta pesquisa possa levar a conhecer o perfil social, cultural e profissional do professor, o que poderá balizar estratégias de formação continuada que contribuam para uma capacitação mais consoante com as suas necessidades.

A própria pesquisa nacional aponta para essa direção:

Aprofundar o conhecimento sobre quem são esses professores constitui condição essencial para que se possam tornar efetivas as iniciativas voltadas à sua valorização e à possibilidade real de que venham corresponder às expectativas neles depositadas, sobretudo em um país como o Brasil, onde a questão da educação reveste-se de absoluta importância e onde a legislação confere à formação do docente caráter fundante da política educacional. (ANDRADE et al., 2004, p.19).

Parte-se do pressuposto de que conhecer o perfil do professor da escola pública poderá preencher uma lacuna quanto à falta de informações sistematizadas sobre o educador destes níveis de ensino. Também com isso é possível estabelecer relações comparativas com levantamentos generalizados tais como o trabalho sobre o perfil do professor brasileiro construído através dos dados da pesquisa com os docentes brasileiros, e analisado pela equipe de pesquisadores do escritório da Unesco em Brasília (ANDRADE et al.2004) e os indicadores sobre professores e a profissão docente, extraídos de diversas fontes, inclusive da Rede Européia de Informações sobre Educação (European Network for Information in Education – IBE), da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (SINISCALCO, 2003).

Este estudo pode atender às preocupações que se manifestam em todos os setores educacionais, no sentido de melhorar a qualificação dos professores através de mais informações e reflexões sobre o trabalho docente, ao mesmo tempo em que oferece subsídios para traçar o perfil do professor que atua no ciclo II do ensino fundamental e ensino médio, da rede pública estadual, em uma região do interior do Estado de São Paulo.

É necessário, portanto, conhecer o cotidiano do professor para retirar dados consistentes para propostas de ações que respondam às exigências, e que também modifiquem as percepções, no sentido de rever as concepções que têm acerca da sua prática. Atribuo a importância do meu estudo ao fato de que são pouco abrangentes os dados a respeito da figura

do professor e sem eles continuaremos a formar juízos, projetar políticas de formação sem o conhecimento de sua realidade.

2 PROPOSIÇÕES, PROBLEMA, OBJETIVOS

Condições sociais, econômicas, políticas e as características pessoais e interpessoais do professor são fatores extremamente importantes para o seu bem-estar e para sua prática docente, e que conseqüentemente influenciam nas relações com seus pares, com a coordenação, com a equipe técnico-administrativa e de apoio, com os alunos e seus familiares.

Para tanto justifico, com base nos estudos referenciados, que os professores que atuam na educação básica estão desenvolvendo sua prática educativa expostos a fatores situacionais que geram novas demandas ocupacionais, ao mesmo tempo em que não se oferece ao profissional da educação autonomia adequada às condições de trabalho, valorização e oportunidades de atualização e capacitação para atender as novas exigências. Este fato pode influenciar diretamente no processo de ensino e conseqüentemente na aprendizagem e formação do aluno bem como na construção da insatisfação com a profissão.

De forma complementar, minha prática docente possibilita interlocuções com o cotidiano escolar por meio de atividades sistematizadas de ensino, pesquisa e extensão, cadastradas no CNPq enquanto agência de fomento e vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Psicologia Escolar/ Educacional USC, atrelada à linha de pesquisa intervenção em Psicologia Escolar Educacional e formação inicial e continuada de Professores. Atualmente desenvolvo investigações científicas sobre os reflexos dos fatores secundários (geradores do estresse ocupacional dos professores). Na mesma direção, as assessorias psicológicas junto à formação de professores e psicólogos possibilitam a aproximação com o cotidiano escolar bem como as situações a serem enfrentadas e geradoras de desgaste do professor.

Devido ao cuidado constante em melhor atender as necessidades do professor, promovendo a saúde mental da equipe educativa, no ano de 2006, participei de várias frentes de trabalho, entre as quais destaco o estresse ocupacional e o diálogo com professores em serviço, a construção de uma metodologia de formação continuada de educadores sociais, como também a participação efetiva em um programa de formação continuada, parceria entre Universidade e Governo do Estado, tendo como temáticas principais a construção do autoconceito, educação inclusiva, a indisciplina e a violência escolar. Somando-se a esta produção encontra-se um projeto integrado ao Grupo de Pesquisa intitulado “Educação,

cotidiano e diálogos contemporâneos”, sobre a avaliação dos efeitos da progressão continuada na educação básica.

Nesse contexto situa-se a problemática deste estudo, ou seja, qual é o perfil pessoal, cultural e profissional que predomina atualmente nos professores do ensino fundamental (ciclo II) e ensino médio da rede pública estadual da cidade de Jaú?

As questões norteadoras para a coleta e a análise de dados são as seguintes: Quem é esse professor? Quem é o profissional que atua no ensino básico (ciclo II do Ensino Fundamental e Ensino Médio)? Qual sua constituição familiar? Qual sua formação? Sua cultura? Possui tempo para o lazer? Qual é o lazer preferido? Tem acesso e interesse para atualização e capacitação? Como se auto-avalia? Como percebe a avaliação de sua categoria pela sociedade? Existe mobilidade social intergeracional e intrageracional?

Com a análise da mobilidade social, espero compreender o trânsito de contingentes da população no sistema de classes sociais, ou seja, na mobilidade intergeracional através de informações sobre o status socioeconômico dos pais do professor, obtido a partir do seu nível de escolaridade, informações estas que são complementadas com a avaliação do sujeito, no caso o professor, sobre a sua situação econômica atual comparada com a de seus pais na sua infância. O enfoque da mobilidade intrageracional deve ser baseado nas informações sobre o tipo de escola que os filhos dos professores freqüentam.

Enfim, a pesquisa tem como objetivos traçar o perfil do professor que atua nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio, por meio de três eixos: 1. Identificação Pessoal e Profissional; 2. Acesso à Cultura e Atualização Profissional; e 3. Avaliação e Prática docente.

3 METODOLOGIA

Este estudo busca traçar o perfil do Professor do ciclo II do ensino fundamental e do ensino médio de uma cidade do interior, com uma população de 125.399 (cento e vinte e cinco mil e trezentos e noventa e nove) habitantes, localizada na região centro-oeste do Estado de São Paulo, nos seguintes aspectos: Identificação Pessoal e Profissional, Acesso à Cultura e Atualização Profissional e Avaliação da Profissão e Prática Docente. Apresento nos dois parágrafos subsequentes as informações sobre as obras de referência utilizadas para subsidiar este trabalho bem como a construção do instrumento.

Andrade et al. (2004) descrevem uma pesquisa que se constitui parte dos vários estudos desenvolvidos pela UNESCO² sobre o trabalho docente. Adaptada do estudo desenvolvido pelo Instituto Internacional de Planeamiento de La Educación – IIP/UNESCO, foi realizada com 5.000 docentes do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e privadas das 27 Unidades da Federação Brasileira, objetivando conhecer algumas de suas características sociais, econômicas e profissionais.

Siniscalco (2003), publicação financiada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), é um relatório que reúne grande parte de dados produzidos nas últimas décadas pelas principais organizações internacionais que trabalham com questões sobre a profissão docente.

3.1 Abordagem

Utilizei a pesquisa quantitativa como abordagem de referência. Segundo Chizzotti (1998), constitui-se um delineamento de investigação que prevê a mensuração das variáveis pré-determinadas, verificando e explicando sua existência, relação ou influência sobre uma outra variável. Neste tipo de pesquisa, utiliza-se a análise da frequência de ocorrência para medir a verdade ou não daquilo que buscamos investigar.

Por meio do método estatístico foi possível descrever, organizar e resumir os dados obtidos, para proporcionar discernimento entre o comportamento da população e o

² UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

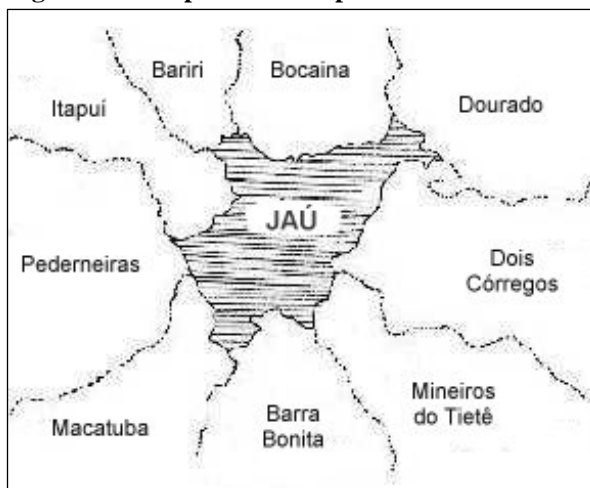
comportamento da amostra. Conforme Lopes (1999, p.10), “Estatística descritiva é a parte que descreve os aspectos importantes de um conjunto de características observadas”.

3.2 Participantes

O estudo foi realizado com docentes de ambos os sexos, da rede pública estadual, pertencentes à Diretoria de Ensino de Jaú - SP, que atuam como professores no ciclo II do ensino fundamental e/ou ensino médio. A seleção dos participantes foi feita tendo como base populacional os professores que freqüentavam regularmente o Programa de Formação Continuada Teia do Saber (n= 116). A amostra foi composta por 100 professores escolhidos por conveniência (no ano de 2004 participavam do Programa Teia do Saber, planejado e executado por uma Universidade particular da cidade de Bauru em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo), sendo distribuídos pelo nível de ensino.

É importante informar que a escolha de um Programa de Formação Continuada para realizar a coleta de dados se deu por dois motivos: em primeiro lugar, trata-se de uma proposta atual de aperfeiçoamento de professores em serviço, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo em parceria com uma Instituição de Ensino Superior da cidade de Bauru, interior do Estado de São Paulo. Considerei que o meu acesso ao grupo de professores seria facilitado já que trabalho na referida instituição educacional e que também faço parte da equipe de docentes do referido Programa. Em segundo lugar, participavam desse curso 116 professores (EF-II: 91 e EM: 25) das 58 unidades de ensino sob responsabilidade da referida Diretoria de Ensino, o que garante uma amostra representativa das 15 cidades sob sua responsabilidade.

Figura 01 – Mapa do Município de Jaú



Localizada na região centro-oeste do Estado de São Paulo, Jaú faz divisa com nove municípios. Fundada em 6 de fevereiro de 1889, contava em dezembro de 2006 com uma população estimada em 125.399 pessoas, entre a zona urbana, e a zona rural.

No município de Jaú predomina a agricultura da cana-de-açúcar, no beneficiamento da cana para produção de açúcar e álcool. Esse setor ocupa 94% da área do município e com 7% da população economicamente ativa. Recebe grandes investimentos em pesquisas voltadas à produção, desde a muda até a obtenção do produto final.

Em 2001, segundo a Revista Exame, Jaú ocupou a 59ª posição entre as 100 melhores cidades brasileiras para se fazer negócios. Na área da educação superior, conta hoje com seis cursos superiores. O amplo comércio, o setor de serviços e a rede bancária de Jaú são referências regionais.

Jaú é considerada a capital do calçado feminino, sendo que desde o início do século passado, já produzia sandálias rústicas, feitas em couro e com solado de borracha para os viajantes da região. Há catorze anos, a cidade contava com 37 empresas calçadistas, mas em 1989 chegou a ter 280 empresas. As empresas de pequeno porte (46%), e que são a maioria, produzem até 200 pares de sapato por dia e apenas 13% produzem mais de 1.000 pares/dia, conforme pesquisa dos Sindicalçados. Também é destaque do setor secundário: Jauense Industrial de mecânica pesada, mecânica de precisão gráfica e cartonagens, indústrias têxteis e alimentícias.

3.3 Instrumento

O questionário foi construído tendo como referência o instrumento da pesquisa sobre o perfil dos professores brasileiros realizada pela UNESCO, e com itens elaborados especificamente para estudo, bem como adaptados do estudo do perfil nacional tendo em vista os aspectos pretendidos pelo trabalho, ficando assim constituído: 01 questão aberta, 13 questões semi-abertas e 42 fechadas, totalizando 56 itens a serem preenchidos, agrupados nas seguintes categorias: identificação pessoal e profissional, acesso à cultura e atualização profissional e avaliação da profissão e prática docente. Os norteadores das questões estão divididos nos seguintes indicadores: 1. Dados Pessoais; 2. Situação funcional atual; 3. Planejamento, avaliação e prática educativa; 4. Gestão escolar, apoio pedagógico e prática de ensino; 5. Atualização profissional; 6. Sociocultural; 7. Relacionamento interpessoal. Quanto

à construção deste instrumento, cabe ressaltar que o número de itens representa uma parcela dos indicadores, não tendo o propósito de esgotá-los. (ANEXO B).

3.4 Procedimentos

Localizei as informações na literatura científica para a confecção do instrumento, tendo como referência os objetivos deste estudo. Concomitantemente, foi construído o Termo de Livre Consentimento Esclarecido e a elaboração da instrução para o preenchimento (ANEXO A). A aplicação ocorreu em uma Instituição de Ensino Superior particular de uma cidade do interior, após o consentimento da Coordenadora do Programa de Formação Continuada, na referida universidade.

Os procedimentos de aplicação desta pesquisa foram efetuados durante o período de aula, na primeira quinzena de dezembro de 2004, do referido Programa de Educação Continuada, de modo coletivo e estimando-se aproximadamente 40 minutos para a aplicação do questionário, sendo que, primeiramente, realizei a leitura explicativa do Termo de Livre Consentimento Esclarecido, oferecendo de forma oral as instruções e o preenchimento escrito do instrumento pelos participantes. (ANEXO B).

Com os questionários respondidos, realizei a montagem do banco de dados no Programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences) / Windows/ Versão 11.5 e tratamento dos dados realizando assim a análise descritiva.

Com os dados resultantes da coleta de informações e análise dos dados, os resultados foram discutidos em referência às três vertentes deste trabalho (informação pessoal e profissional, acesso à cultura e atualização profissional e prática docente), tendo como subsídio a interlocução entre a literatura especializada bem como a memória viva decorrente de minha prática profissional.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em referência à proposição, problemas e objetivos traçados para este estudo, a seguir serão apresentados os resultados. Nesse sentido, para a execução da análise dos dados fora estabelecida a seguinte sistemática: distribuição de frequência de cada uma das variáveis, agrupamento dos itens em categorias e posteriormente a discussão dos resultados (tendo como subsídios a literatura especializada e a prática docente da pesquisadora). Para tanto, a seguir serão apresentadas em primeiro lugar três tabelas referentes aos itens que compõem cada uma das categorias (reagrupados por indicadores) e posteriormente a análise descritiva e discussão dos resultados distribuídos por categorias.

Denomina-se categoria 01 (Tabela 01) **identificação pessoal e profissional**, sendo que os itens que a compõem agrupam-se em informações sobre dados de identificação pessoal do participante bem como do profissional.

Intitula-se categoria 02 (Tabela 02) o **acesso à cultura e atualização profissional**, constituída por perguntas referentes às modalidades que os participantes indicaram sobre as formas em que os mesmos mantêm-se informados no âmbito da cultura e da profissão.

No que diz respeito à categoria 03 (Tabela 03), **a avaliação da profissão e prática docente**, esta agrupa itens que se referem às formas com que a sociedade e os professores avaliam indicadores da profissão e a prática docente (planejamento, manejo da prática docente e avaliação do rendimento escolar).

Torna-se necessário pontuar novamente que estas categorias e os respectivos itens não têm em nenhum momento o efeito de generalização, mas sim, de modo exploratório, buscam atender para indicadores do perfil de professores tendo como base o perfil nacional, presentes na literatura especializada.

Quadro 01

Questão nº.	Indicador 01: Identificação Pessoal (continua)
01	Gênero
02	Faixa etária
03	Estado Civil
03	Proporção de professores segundo outras configurações familiares
04	Proporção de professores segundo a presença de filhos
04	Proporção de professores segundo número de filhos
16	Proporção de professores segundo a modalidade de instituição em que fez o Ensino Fundamental
17	Proporção de professores segundo a modalidade de instituição em que fez o Ensino Médio
07	Proporção de professores segundo o nível de escolaridade paterna
07	Proporção de professores segundo o nível de escolaridade materna
19	Proporção de professores que possuem alguém da família de origem que atua na Docência
19	Proporção de professores que possuem outros membros da família constituída que atuam na docência
10	Proporção de professores segundo a profissão do cônjuge ou companheiro
12	Proporção de professores segundo a renda familiar
11	Proporção de professores segundo a condição de provedor da renda familiar
13	Proporção de professores segundo a condição de moradia
14	Proporção de professores segundo sua identificação com a classe social
15	Proporção de professores segundo o grau de mobilidade social
28	Proporção de professores segundo o tempo disponível para o lazer

Indicador 02: identificação profissional	
	(conclusão)
18	Proporção de Professores segundo a modalidade de instituição em que fez o curso de graduação
08	Proporção de Professores segundo as áreas de pós-graduação
06	Proporção de Professores segundo o tempo de formação
30	Proporção de Professores segundo o tempo de atuação no magistério
31	Proporção de Professores segundo a modalidade escolar no início de carreira
32	Proporção de professores segundo sua situação funcional atual
36	Proporção de professores segundo o número de aulas semanais
37	Proporção de professores segundo o número de aulas na mesma escola
33	Proporção de professores segundo a atuação em outra atividade remunerada, além do magistério
34	Proporção de professores que também atuam na rede particular de ensino
34	Proporção de professores segundo o tempo de atuação na rede particular
34	Proporção de professores segundo o nível de ensino na rede particular
53	Proporção de professores segundo a aspiração profissional

Quadro 01: Categoria 01: Identificação Pessoal e Profissional

Fonte própria.

Quadro 02

Questão nº.	Indicador 01: Acesso à cultura
20	Proporção de professores segundo incentivo familiar quanto à leitura
20	Proporção de professores segundo o incentivo familiar para freqüentar eventos culturais
21	Proporção de professores conforme hábito da leitura na família de origem
21	Proporção de professores conforme o hábito da leitura em outros membros da família
22	Proporção de professores segundo o tipo de leitura preferida
22	Proporção de professores segundo outros tipos de leituras preferidas
29	Proporção de professores quanto à freqüência a museus no último ano
29	Proporção de professores quanto à freqüência a exposições de centros culturais no último ano
29	Proporção de professores quanto à freqüência no cinema no último ano
29	Proporção de professores quanto a assistir fita de vídeo em casa no último ano
29	Proporção de professores quanto à freqüência a shows de rock no último ano
29	Proporção de professores quanto à freqüência a shows de música popular ou sertaneja no último ano
29	Proporção de professores quanto à freqüência a concerto de música erudita ou ópera no último ano
29	Proporção de professores quanto à freqüência em danceterias, bailes, bares com música ao vivo no último ano.
29	Proporção de professores quanto à freqüência a clubes no último ano
29	Proporção de professores quanto à freqüência em estádios esportivos no último ano
Indicador 02: Atualização Profissional	
42	Proporção de Professores segundo a participação em eventos
43	Proporção de Professores quanto à freqüência em cursos de capacitação
41	Proporção de Professores segundo a assinatura de periódicos
41	Proporção de Professores segundo os tipos de periódicos preferidos
41	Proporção de Professores segundo as justificativas para a não assinatura de periódicos

Quadro 02: Categoria 02 – Acesso à cultura e Atualização profissional

Fonte própria

Quadro 03

Questão n.o	Indicador 01: Avaliação da Profissão
49	Proporção de professores quanto à avaliação da Progressão continuada
45	Proporção de Professores segundo a avaliação sobre o apoio pedagógico
46	Proporção de Professores segundo a participação nas decisões pedagógicas
50	Proporção de professores quanto à valorização da profissão pela sociedade brasileira
51	Proporção de professores quanto à valorização da profissão pela categoria
55	Proporção de professores quanto ao conceito de formação continuada e sua contribuição para a prática educativa
56	Proporção de professores quanto aos estímulos considerados eficazes para realizar curso de formação continuada
	Indicador 02: Prática Docente
38	Proporção de professores segundo o número de horas semanais para o planejamento
54	Proporção de professores segundo a presença de dificuldade com relação às formas de planejamento
46	Proporção de professores segundo a presença de dificuldade para avaliar
50	Proporção de professores segundo a presença de dificuldade nas atividades de avaliação
51	Proporção de Professores segundo o estabelecimento da disciplina dos alunos em sala de aula
55	Proporção de Professores segundo o domínio de novos conteúdos
56	Proporção de Professores segundo a falta de definição e objetivos claros
54	Proporção de Professores segundo as características sociais dos alunos
54	Proporção de Professores segundo a presença de dificuldade em organizar o trabalho em sala de aula
40	Proporção de Professores segundo a importância do uso do computador na prática pedagógica
40	Proporção de Professores segundo os motivos pelos quais atribuem importância ao computador para prática pedagógica
25	Proporção de Professores segundo alternativa de uso quando da falta de computador em casa
47	Proporção de professores segundo a escolha de atividades a partir do aumento salarial
48	Proporção de Professores segundo opinião a respeito do HTPc
44	Proporção de Professores quanto à avaliação do relacionamento com os colegas
44	Proporção de Professores quanto à avaliação do relacionamento com o coordenador pedagógico
44	Proporção de Professores quanto à avaliação do relacionamento com os funcionários
44	Proporção de Professores quanto à avaliação do relacionamento com o aluno
44	Proporção de Professores quanto à avaliação do relacionamento com o diretor
44	Proporção de Professores quanto à avaliação do relacionamento com pais de alunos

Quadro 03: Categoria 03 – Avaliação da Profissão e Prática docente

Fonte própria.

4.1. Categoria 01 – Informação Pessoal e Profissional

Tabela 01 – Gênero.

	<i>Fr</i>	Fr%
Feminino	90	90,00
Masculino	10	10,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

1. Sexo.

Os resultados deste estudo descrevem que quanto ao gênero, 90 (90%) são mulheres e 10 (10%) homens (Tabela 01). Outrossim, refere-se à concordância destes resultados com pesquisas anteriores, ou seja, que demonstraram ser o magistério uma profissão feminina, como indicam Andrade et al (2004) no relatório da pesquisa dos docentes brasileiros em que é apontado que 81,3% são mulheres e 18,6% são homens.

Confirmando os índices apresentados acima, André (2002), revisando a produção teórica sobre este tema, refere-se a autores que estudam e refletem sobre a identidade e profissionalização do professor, ao mesmo tempo em que oferece indicações para reflexão sobre esta discrepância quanto à quantidade de homens e mulheres envolvidos com o magistério.

Entre as possíveis razões para a feminização da profissão, acredita-se que o número reduzido de escolas no século 19 e início do século 20 explica a não resistência do ingresso da mulher ao magistério quando da ampliação da oferta escolar, que produziu o aumento do mercado de trabalho como também a procura pelos homens de profissões com melhores salários. Segundo André (2002), outros autores discutem a associação entre escola e maternidade, muito presente no imaginário social.

É interessante ressaltar que o conceito de feminização do magistério não ocorre somente devido ao grande número de mulheres, mas também à adequação do magistério às características historicamente associadas ao feminino.

Lauro (1997), citado por Andrade et al. (2004), diz que “o professor sempre foi associado à autoridade e ao conhecimento, enquanto a professora sempre foi – e ainda é – vinculada ao apoio e a cuidados dirigidos aos alunos” (p. 45). Tal associação coincide com o fato dos homens ocuparem os níveis mais altos e especializados da educação, onde o trabalho está direcionado à orientação dos jovens em relação à profissão, e as mulheres nos segmentos iniciais da escolarização, voltadas aos cuidados das crianças.

Ao considerar os resultados deste estudo, a prática docente junto aos estágios supervisionados vem confirmar a tendência do magistério em se constituir ainda numa profissão feminina, sendo este fenômeno mais intenso na educação infantil e no primeiro ciclo do ensino fundamental e mantendo-se nos outros ciclos da educação básica.

Tabela 02 – Faixa etária.

	<i>Fr</i>	Fr%
Até 25 anos	4	4,00
De 26 a 35 anos	43	43,00
De 36 a 45 anos	42	42,00
De 46 a 55 anos	11	11,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

2. Faixa etária.

Este estudo indica que os participantes quanto à faixa etária (em ordem decrescente) apresentam-se da seguinte forma: 43 (43%) entre 26-35 anos, 42 (42%) entre 36-45 anos, 11 (11%) entre 45-55 anos e 4 (4%) até 25 anos (Tabela 02). Somando-se os índices das duas maiores categorias, 85 (85%) dos participantes encontram-se entre 26 e 45 anos de idade, o que coincide com a pesquisa sobre o perfil dos professores brasileiros, que apresenta uma média de idade dos docentes de 37,8 anos e que uma parcela (33,6%) dos docentes possui de 26 a 35 anos, e ainda que 35,6% estão na faixa de 36 a 45 anos (ANDRADE et al. 2004).

Torna-se significativo ressaltar que a partir destes dados, tanto os professores brasileiros como os da unidade amostral são relativamente mais jovens se comparados à mesma informação de profissionais em nível internacional.

Tabela 03 - Estado civil.

	<i>Fr</i>	Fr%
Solteiro (a)	30	30,00
Casado (a)	59	59,00
Outro	11	11,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

3. Estado civil.

Entre os participantes deste estudo, 59 (59%) afirmaram estar casados, enquanto 30 (30%) encontram-se solteiros e 11 (11%) denominam-se divorciados, viúvos, amasiados ou

aventureiros (Tabela 03). Estes índices indicam que a maioria dos professores pesquisados já constituiu um núcleo familiar autônomo em relação a sua família original, ou seja, aquela constituída por seus pais, seguidos pelos solteiros, dado que pode estar relacionado com o perfil de professores mais jovens no Brasil.

Tabela 04 – Proporção de professores segundo outras configurações familiares.

	<i>Fr</i>	Fr%
Divorciado (a)	7	63,64
Viúvo (a)	2	18,18
Amasiado (a)	1	9,09
Aventureiro (a)	1	9,09
Total	11	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
3. Estado Civil: especificar:

Na categoria “outras configurações familiares”, encontramos 7 (63,6%) divorciados (as), 2 (18,1%) viúvos (as), 1 (9,09%) amasiado (a) e 1 (9,09%) que se autodenomina “aventureiro” (Tabela 04). Tais resultados podem indicar novas composições familiares como reflexo das transformações atuais.

Somando-se as informações resultantes deste estudo (tabelas 06 e 07), em nível do perfil do professor brasileiro, os índices aqui encontrados estão em concordância com o estudo nacional e de referência (ANDRADE et al, 2004).

Tabela 05 – Proporção de professores segundo a presença de filhos.

	<i>Fr</i>	Fr%
Sim	60,0	60,00
Não	40,0	40,00
Total	100,0	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
4. Filhos:

Quando solicitados a informar sobre os filhos, 60 (60%) participantes indicaram a presença de filhos e 40 (40%) a ausência de filhos (Tabela 05). Este dado pode estar relacionado nessa amostra com o estado civil dos participantes, ou seja, a grande maioria se declara casada e, portanto, constituindo novas famílias nucleares diferentes das de origem.

Tabela 06 – Proporção de professores segundo o número de filhos.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
0	40	40,00
1	32	32,00
2	21	21,00
3	5	5,00
4	2	2,00
5	0	0,00
Mais de 5 filhos	0	0,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

4. Filhos. Em caso afirmativo, especificar o número de filhos.

Desta variável vale a pena ressaltar que entre os participantes deste estudo, 32 (32%) possuem apenas 01 filho, 21 (21%) possuem 02 filhos, 05 (5%) possuem 03 filhos e 02 (2%) têm 04 filhos (Tabela 06). Este dado pode ser representativo das novas ordens econômicas e sociais do mundo atual que impõem as configurações familiares contemporâneas à diminuição no número de filhos.

Informações presentes na literatura especializada em Família apontam para os estudos sistematizados sobre o casamento e novas configurações familiares, sendo que torna-se um ponto de concordância teórica que os novos tempos têm influenciado no número de filhos, tendo como referência a situação econômica e social. (OSÓRIO e VALLE, 2002).

Tabela 07 – Proporção de professores segundo a modalidade de instituição em que fez o Ensino Fundamental.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Escola Pública	88	88,00
Escola Privada	4	4,00
Ambas	5	5,00
Não responderam	3	3,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

16. A formação no ensino fundamental foi em:

Quanto ao tipo de instituição em que os participantes realizaram o ensino fundamental, os seguintes índices foram apresentados: 88 (88%) em escola pública, 4 (4%) em instituição da rede privada e 5 (5%) em ambas (Tabela 07).

Tabela 08 – Proporção de professores segundo a modalidade de instituição em que fez o Ensino Médio.

	Fr	Fr%
Escola Pública	87	87,00
Escola Privada	10	10,00
Ambas	2	2,00
Não responderam	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

17 A sua formação no ensino médio foi em: () escola pública () escola privada, () ambas.

Quanto ao tipo de instituição em que os participantes realizaram o ensino médio, os seguintes índices foram apresentados: 87 (87%) em escola pública, 10 (10%) em instituição da rede privada, 2 (2%) em ambas, ou seja, pública e privada e 1 (1%) não respondeu a este item (Tabela 08).

Nesse sentido, a somatória das informações apresentadas nas tabelas referentes ao tipo de instituição em que os participantes cursaram o ensino fundamental e médio aponta que sua formação ocorreu em instituições da rede pública, dado que também ocorreu na pesquisa nacional com 81,3% dos docentes no ensino fundamental e 69,2% no ensino médio. Segundo Andrade et al (2004), a formação básica de praticamente a metade dos professores brasileiros é obtida em escolas pública.

Santos (1998), em um estudo etnográfico com estudantes em cursos de licenciatura, indica que a maioria dos discentes que escolheram os cursos de formação de professores havia estudado em escola pública no ensino fundamental e médio, sendo que a escolha desta carreira pode estar atrelada à falta de oportunidade financeira para tornar-se um profissional em outras áreas que exigiriam um maior envolvimento financeiro bem como estudar em tempo integral.

Tabela 09 – Proporção de professores solteiros segundo o nível de escolaridade paterna.

	Fr	Fr%
Sem instrução	1	3,33
Ensino Fundamental Incompleto	18	60,00
Ensino Fundamental Completo	9	30,00
Ensino Médio Incompleto	1	3,33
Ensino Médio Completo	1	3,33
Ensino Superior Incompleto	0	00,00
Total	30	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

7. Caso seja solteiro (a) indique o nível de escolaridade de seu pai.

Comparando com aos dados da pesquisa nacional, esta investigação constatou que a escolaridade paterna da maioria dos professores solteiros é bastante precária, já que 18 (60,0%) deles possuem o ensino fundamental incompleto e 9 (30,0%) o ensino fundamental completo (Tabela 09). Estes dados podem indicar a ocorrência de uma mobilidade social entre os professores e seus pais por meio de um processo de escolarização a que os pais e mães dos docentes não tiveram acesso. (ANDRADE et al. 2004).

Tabela 10 – Proporção de professores (solteiros) segundo o nível de escolaridade materna.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Sem Instrução	3	10,00
Fundamental Incompleto	15	50,00
Fundamental Completo	6	20,00
Ensino Médio Incompleto	2	6,67
Ensino Médio Completo	2	6,67
Ensino superior incompleto	2	6,67
Total	30	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

7. Caso seja solteiro (a) indique o nível de escolaridade de sua mãe.

Dos sujeitos solteiros respondentes, 15 (50,0%) das mães possuem Ensino Fundamental Incompleto, 6 (20,0%) possuem Ensino Fundamental Completo, 3 (10,0%) não possuíam instrução, e com porcentagem sequencial, 2 (6,67%) com Ensino Médio Incompleto, 2 (6,67%) com Ensino Médio Completo, e 2 (6,67%) com Ensino Superior Incompleto (Tabela 10), o que se assemelha ao nível de escolaridade paterna.

Santos (1998), ao descrever o nível de escolaridade paterna e materna, em estudantes dos cursos de licenciatura (considerando que a maioria já tem experiência docente na rede pública), apresenta dados em concordância com esta pesquisa.

Tabela 11 – Proporção de professores que possuem alguém da família de origem que atua na Docência.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Pai	3	3,00
Mãe	16	16,00
Irmão	36	36,00
Outros	34	34,00
Não respondeu	11	11,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

19. Na sua família, além de você há alguém que se dedique ou tenha se dedicado à prática docente?

Entre os participantes deste estudo, 36 (36%) indicaram a presença de irmãos com função docente, enquanto 34 (34%) referem-se a outros familiares não constituintes da família de origem, 16 (16%) afirmaram a mãe como professora e apenas 3 (3%) informaram o pai como professor.

Tabela 12 - Proporção de professores que possuem outros membros da família constituída que atuam na Docência.

	Fr	Fr%
Cunhado (a)	4	11,76
Esposo (a)	4	11,76
Primo (a)	13	38,24
Tios	11	32,35
Madrasta	1	2,94
Filho	1	2,94
Total	34	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

19. Na sua família, além de você há alguém que se dedique ou tenha se dedicado à prática docente?
Especifique.

Entre os participantes, 34 (100%) se referiram a outros familiares intitulados professores, 13 (38,24%) são primos (as), 11 (32,35%) são tios (as), 4 (11,76%) são cunhados(as) ou esposos(as) e 1 é (2,94%) madrasta e 1 (2,94%) é filho (Tabela 12).

Os dados descritos nas tabelas (11 e 12) se assemelham aos resultados da pesquisa nacional, sendo que os professores indicam a presença de outros familiares denominados professores (ANDRADE et al., 2004).

Outro dado significativo consiste no seguinte, entre todos os participantes, foi citado somente 01 filho como exercendo a docência. Este dado está em concordância com o estudo de Santos (1998) quando apresenta o empobrecimento e a desvalorização profissional, sendo que os cursos formadores de professores são procurados por sujeitos com mais idade e que já tenham experiência no magistério (em busca de titulação).

Tabela 13 – Proporção de professores segundo a profissão do cônjuge ou companheiro.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Funcionário Público (Municipal, Estadual ou Federal).	11	18,33
Profissional Liberal	10	16,67
Proprietário de Empresa	19	31,67
Funcionário de Empresa Particular	19	31,67
Atualmente sem Emprego	1	1,67
Total	60	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

10. Profissão do cônjuge ou companheiro (a):

Os casados informaram que 19 (31,67%) são proprietários de Empresas, 19 (31,67%) são Funcionários de Empresas Particulares, seguidos de 11 (18,33%) Funcionários Públicos, 10 (16,67%) Profissionais Liberais e apenas 1 (1,67%) na condição de Desempregado (Tabela 13). A ocupação principal entre proprietários e funcionários de empresa pode estar associada à economia local, ou seja, um município mantido economicamente pela indústria e comércio calçadista. Em contraponto, a prática profissional junto a instituições educacionais de municípios próximos demonstra uma realidade díspar a esta, sendo que este dado se constitui um indicativo da realidade local.

Outrossim, refere-se que professores participantes das pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Escolar Educacional apresentam outra configuração quanto à profissão do cônjuge, sendo a maioria comerciantes e profissionais liberais.

Tabela 14 – Proporção de professores segundo a renda familiar.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Até 2 salários mínimos	2	2,00
De 3 a 5 salários mínimos	17	17,0
De 6 a 10 salários mínimos	56	56,00
De 11 a 20 salários mínimos	20	20,00
Mais de 20 salários Mínimos	3	3,00
Não responderam	2	2,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

12. Renda familiar mensal:

Quanto à renda familiar dos professores pesquisados, a maioria (56%) concentra-se entre 6 a 10 salários mínimos, o que coincide com a dos 65,5% dos professores brasileiros,

com renda familiar entre 2 a 10 salários mínimos (Tabela 14). Vale a pena lembrar que em 2004, período da coleta de dados desta pesquisa, o valor do salário mínimo era de R\$ 260,00 (duzentos e sessenta reais).

Segundo Andrade et al. (2004, p. 60), “A despeito da desvalorização da profissão docente, refletida, de um modo geral, nos baixos salários, a renda familiar dos professores é sensivelmente superior à média da população brasileira”. Cita ainda que conforme os dados do IBGE³ de 2002, 50,7% dos brasileiros empregados ganhavam até dois salários mínimos.

O mesmo autor enfatiza a necessidade de se considerar as alterações salariais que ocorrem nas diferentes regiões do Brasil, ou seja, a renda média do trabalhador brasileiro, por hora, é de R\$15,87; enquanto que no nordeste é de R\$12,33 e no Sudeste é de 17,12%. No estado do Piauí é de R\$ 8,97; no Rio de Janeiro é de R\$ 17,13; na Bahia é de R\$ 12,81 e finalmente em São Paulo é de R\$ 18,66. No Brasil temos com renda mensal acima de 10 salários mínimos, 12,3% dos professores da região Nordeste; 22,5% na região Norte; 26,8% na região Centro-Oeste; 27,8% da região Sul; e 42,1% na região Sudeste.

Tabela 15 – Proporção de professores segundo a condição de provedor da renda familiar.

	Fr	Fr%
Sim	33	33,00
Não	66	66,00
Não respondeu	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

11. Você é o principal provedor de renda de sua família?

No que se refere à condição de provedor, ressalta-se que 66 (66%) dos professores da amostra dizem colaborar com a renda familiar e que somente 33 (33%) são provedores (Tabela 15), dado que merece melhor análise por tratar-se de profissionais que ao longo dos anos têm se queixado de vários fatores, entre eles a baixa remuneração.

Em contrapartida, na pesquisa nacional 32,5% dos professores dizem contribuir com mais de 81% da renda familiar, enquanto que outros 16,8% colaboraram com um percentual entre 61% a 80%. Segundo Andrade et al (2004), este dado permite dizer que é importante a participação do professor brasileiro na renda familiar.

³ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Ainda com relação ao estudo sobre os professores brasileiros, a maioria (72,7%) dos professores do sexo masculino, e 29,7% do sexo feminino, se autodenominam chefes de família. Interessante observar na pesquisa (nacional) que dos professores que não se consideram chefes de família, 28,4% responderam que cabe a seus filhos esta responsabilidade, o que pode indicar a incidência significativa de filhos de professores com capacidade de obter salários mais altos que seus pais, indicando assim uma mobilidade intrageracional (ANDRADE et al. 2004).

Tabela 16 – Proporção de professores segundo a condição de moradia.

	<i>Fr</i>	Fr%
Casa própria	83	83,00
Alugada	9	9,00
Cedida	7	7,00
Não responderam	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

13. Condição de moradia:

Com relação à condição de moradia, a maioria (83%) dos professores possui casa própria, 9 (9%) moram em casa alugada, 7 (7%) em casa cedida e 1 (1%) não respondeu (Tabela 16). Este dado pode ratificar a informação obtida por esta mesma investigação, de que o nível salarial do professor não está tão defasado se comparado a outras categorias profissionais. Este dado também pode estar relacionado com uma característica própria da amostra estudada.

Outros dados de realidade, resultantes dos Projetos de Intervenção em Psicologia Escolar Educacional, que constitui o foco principal de minha prática docente, demonstram que muitos professores ainda vivem em imóveis alugados, o que pode estar associado à proletarização (empobrecimento econômico) representado pelas perdas salariais da categoria.

Tabela 17 – Proporção de professores segundo a identificação com a classe social

	Fr	Fr%
Alta	2	2,00
Média	50	50,00
Média Baixa	44	44,00
Baixa	2	2,00
Não respondeu	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

14. Indique qual a classe social você se identifica:

A identificação com a classe social mostra a relação que se faz com a renda familiar. Entre os 100 professores pesquisados, a maioria, ou seja, 50 (50%) se autodenominam ser da classe social média (de 6 a 10 salários mínimos) e 44 (44%) se colocam na classe média baixa (Tabela 17).

Em comparação com o Perfil Nacional, Andrade et al. (2004) apontam que a maioria dos professores brasileiros considera-se pertencente à classe média baixa em todas as faixas de renda, menos os que possuem uma renda familiar superior a 20 salários mínimos.

Outro dado importante observado na pesquisa nacional por Andrade et al. (2004, p. 66) é que “Atuar em uma ou outra região geográfica parece não interferir na forma dos professores se identificarem com as classes sociais apresentadas na pesquisa”. Na mesma pesquisa citada, é possível observar que em todas as regiões a identificação com a classe média baixa predomina, sendo que a maior identificação com esta classe ocorre na região Norte, com 18% dos professores pesquisados, enquanto que o menor índice (8,1%) de autodenominação com a classe baixa encontra-se na região Sul do Brasil.

A autodenominação quanto ao extrato social pode ser alterada conforme as condições e o porte do município onde o professor trabalha. Desta maneira, segundo o mesmo autor, na pesquisa nacional, nas capitais (39,1%) e nos municípios com mais de 500 mil habitantes (38,9%), os índices foram relativamente altos daqueles que se colocaram como sendo da *classe média*, enquanto os maiores percentuais de professores que se identificam com a *classe baixa* são encontrados nos municípios com até 20 mil habitantes (15%) e nos municípios do interior (12,3%).

Esta observação de Andrade et al. (2004) justifica o fato de que nesta pesquisa, desenvolvida num município do interior paulista com 125.399 habitantes, a maioria (50%) dos professores pesquisados se autodenomina da classe média.

Tabela 18 – Proporção de professores segundo o grau de mobilidade social.

	<i>Fr</i>	Fr%
Melhor	67	67,00
Igual	25	25,00
Pior	7	7,00
Não respondeu	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

15. Avalie sua situação econômica atual em relação à de seus pais quando você era criança:

Comparando a condição econômica familiar dos professores atualmente em relação à sua infância, a maioria justifica como melhor, dado que indica a existência de mobilidade intergeracional, o mesmo ocorrendo com os professores brasileiros que indicam ser a atual situação melhor que a de seus pais. Este dado sinaliza para uma mobilidade intergeracional ascendente no âmbito da família, fato influenciado pelo diferencial de escolaridade dos professores com relação à de seus pais. Este dado pode ser corroborado a partir do indicativo de melhoria no nível de escolaridade conforme informação apresentada nas tabelas referentes ao nível de escolaridade materna e paterna.

Tabela 19 – Proporção de professores segundo disponibilidade de tempo para o lazer.

	<i>Fr</i>	Fr%
Sim	74	74,00
Não	25	25,00
Não responderam	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

28. Atualmente você reserva um tempo para o lazer? Especifique.

Dessa maneira, 25 (25%) indicaram não reservar tempo para o lazer, enquanto que 74 (74%) afirmaram que disponibilizam tempo para o lazer (Tabela 19). No que se refere ao tipo de lazer em porcentagem seqüencial, 10 (10%) dos sujeitos responderam cinema, 10 (10%) passeios, 10 (10%) viagem, 8 (8%) caminhada, 7 (7%) clube, 6 (6%) atividades esportivas, 3 (3%) pesca, aparecendo em porcentagem seqüencial de 2 (2%) barzinhos, festas, hidroginástica, ioga, reunião familiar e teatro; houve indicações únicas (1%) para cuidar de orquidário, chácara, dançar, massagem, namorar, música, praia, sauna, shopping, trabalhos manuais.

Estudos realizados pelo Laboratório de Pesquisa em Psicologia Escolar demonstram o alto nível de estresse em professores. Em contraponto a este dado, nesta pesquisa, os resultados indicam que os participantes reservam tempo para o lazer. Nesse sentido, posso sugerir a construção de novos estudos para esta população em que se estabeleça a relação entre rebaixamento do nível de estresse e estratégias de enfrentamento (lazer).

Tabela 20 – Proporção de professores segundo a presença de computador em casa.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Sim	89	89,00
Não	11	11,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
24. Você tem computador em casa?

Quanto à presença de computador em casa, 89 (89%) responderam de modo afirmativo enquanto 11 (11%) de modo negativo (Tabela 20). Este dado pode ser significativo, ou seja, a aquisição de equipamentos deve-se ou ao incentivo das políticas públicas, ou pelas condições econômicas, bem como a presença de filhos, que impõe à família contemporânea a utilização de recursos da tecnologia. Sugiro para próximos estudos que se faça uma investigação sobre o domínio do professor quanto às novas tecnologias.

Tabela 21 - Proporção de professores segundo a instituição em que fez o curso de graduação.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Pública	26	26,00
Privada	72	72,00
Não responderam	2	2,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
18. Tipo de estabelecimento que lhe conferiu o título para a prática da docência:

Com relação à educação superior, 72 (72%) professores afirmam que obtiveram o título para a prática docente em universidades particulares enquanto 26 (26%) em instituições educativas da rede pública e 2 (2%) não responderam (Tabela 21). Os índices deste estudo estão em concordância com resultados da investigação com os professores brasileiros, onde 67,6% dizem ter feito esse nível de ensino, e deste total 61,9% cursaram com a formação

pedagógica (modalidade normal).⁴ Este dado ratifica pesquisas anteriores que já apontavam a inversão que ocorre quanto ao tipo administrativo da instituição (Público e Privado) que o professor cursou, a educação básica feita em escolas públicas e a graduação, que o habilitou para o magistério, em escola privada..

As informações referentes à instituição em que fez o curso de graduação podem estar relacionadas à modalidade de instituição educativa em que realizou o ensino fundamental e médio, podendo inferir que a maioria dos profissionais da educação é oriunda de escolas públicas e que cursa o ensino superior em instituição privada. Visto que os cursos de licenciatura são oferecidos na sua grande maioria no período noturno, propiciam ao sujeito articular estudo e trabalho. Este dado está em concordância com a realidade de minha prática docente, pois na instituição em que exerço a profissão todos os cursos de licenciatura são oferecidos no período noturno.

Siniscalco (2003) comenta que um terço dos 83 países que fornecem dados da qualificação de professores para subsidiar a Avaliação EPT 2000 (UNESCO/ Institute of Statistics, 2000) relatou que seus professores “primários” têm a qualificação acadêmica mínima exigida pelas autoridades nacionais de cada país. Acrescenta que os dados fornecidos pela UNESCO indicam que na maioria dos países com pouco desenvolvimento a quase totalidade dos professores dos primeiros níveis chega a ter no máximo qualificação para o magistério das séries iniciais.

A amostra constituiu-se de professores de diversas áreas/cursos de graduação. A maioria graduou-se em Matemática (17%), e Letras Português/Inglês (16%), seguidos dos cursos de Letras/Português (11%), Ciências Físicas e Biológicas (11%) e Pedagogia (3%). Desta amostra, 8 (8%) professores apresentaram formação superior em Artes Plásticas, Direito, Economia, Estatística, Física, Jornalismo, Pedagogia e Química, respectivamente.

⁴ O Artigo 62, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB n. 9.394/96), determina: “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio na modalidade normal”.

Tabela 22 – Proporção de professores segundo áreas de pós-graduação.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Gestão Educacional	1	3,13
Artes	3	9,38
Linguística – Literatura	3	9,38
Pedagogia	2	6,25
Condicionamento Físico	1	3,13
Ciências	3	9,38
Biologia	4	12,50
Administração Escolar	1	3,13
Análises clínicas	1	3,13
Letras	7	21,88
Comunicação e Artes	2	6,25
Matemática	3	9,38
Didática	1	3,13
Educação	1	3,13
Total	32	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

5. Nível de escolaridade. Especificar a área de formação.

Quanto à pós-graduação, 32 (100%) dos participantes indicaram tê-la concluído nas áreas assim distribuídas: 7 (21,88%) em Letras e 4 (12,50%) em Biologia. Agruparam-se na mesma porcentagem as áreas de Artes, com 3 (9,38%); Ciências, com 3 (9,38%); Linguística/Literatura, com 3 (9,38%); e Matemática, com 3 (9,38%). Os cursos de Comunicação e Artes, com 2 (6,25%) e Pedagogia, com 2 (6,25%), agruparam o mesmo percentual, como também os cursos de Análises Clínicas 1 (3,13%), Administração Escolar 1 (3,13%), Didática 1 (3,13%), Educação 1 (13,13%) e Gestão Escolar 1 (13,13%).

Nota-se com os estudos de pós-graduação que nenhum dos professores respondentes se refere à pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), mas sim às áreas indicadas como especializações, demonstrando a tendência à atualização profissional e não à formação docente para o exercício no ensino superior. Torna-se importante também ressaltar que as especializações em sua grande maioria são oferecidas em módulos, nos finais de semana, o que facilita trabalhar e estudar.

Tabela 23 - Proporção de professores segundo o tempo de formação.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Até 5 anos	26	26,00
De 6 a 10 anos	29	29,00
De 11 a 20 anos	33	33,00
Mais de 20 anos	12	12,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

6. Tempo de formação:

No que se refere ao tempo de formação, entre os professores pesquisados, 33% encontram-se entre 11-20 anos, enquanto 29% entre 6-10 anos, 26% até 5 anos e 12% com mais de 20 anos (Tabela 23). Este dado pode ser um indicativo de que a maioria dos professores que freqüentavam o curso de formação continuada está entre 5-20 anos de formação profissional.

Para Andrade et al. (2004), o baixo percentual de profissionais em serviço com mais de 25 anos sugere que a categoria aposenta-se no tempo mínimo permitido pela legislação, ou seja, 30 anos de serviço para homens e 25 anos para as mulheres. Comentando ainda que: “Em pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos trabalhadores em Educação (CNTE, 2003), o tempo médio de serviço dos professores é avaliado em 15 anos”.

Tabela 24 - Proporção de professores segundo o tempo de atuação no magistério.

	<i>Fr</i>	Fr%
Até 05 anos	11	11,00
De 06 a 10 anos	36	36,00
De 11 a 20 anos	41	41,00
Mais de 20 anos	12	12,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
30. Tempo de atuação como professor?

Ao serem perguntados sobre o tempo de exercício na docência, 41 (41%) informaram ter entre 11 a 20 anos de exercício, 36 (36%) entre 06 a 10 anos, 12 (12%) com mais de 20 anos e 11(11%) com até 05 anos de atuação no magistério (Tabela 24). Tais dados de minha pesquisa, realizada com professores de uma cidade do interior paulista, apresentam relação com os da pesquisa nacional, ou seja, a maioria da amostra dos professores brasileiros (27%) indicou ter entre 6 e 10 anos de serviço e 8,9% com mais de 25 anos de magistério. Conforme Andrade (2004, p.82), este fato sugere “[...] que os professores aposentam-se no limite mínimo permitido por lei (mínimo de 30 anos de serviço para homens e 25 anos para as mulheres)”. O mesmo autor faz referência à pesquisa da CNTE⁵ (2003), e indica que o tempo médio de atuação dos professores é de 15 anos. Informa, ainda, que o Brasil acompanha a tendência mundial no que se refere à formação inicial, ou seja, 90% dos professores são habilitados para o cargo que exercem.

⁵ Confederação Nacional dos Trabalhadores em educação

Tabela 25 - Proporção de professores segundo a modalidade de escola no início da carreira.

	<i>Fr</i>	Fr%
Público	87	87,00
Privado	12	12,00
Não respondeu	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

31. Tipo de escola iniciou a carreira de professor:

Com relação à situação funcional, os participantes desta pesquisa indicaram que 87 (87%) iniciaram a carreira de professor no ensino público, enquanto 12 (12%) iniciaram no ensino privado (Tabela 25). Situação semelhante aos professores da pesquisa em nível nacional, que indicou que 70,3% iniciaram a carreira de professor na rede pública e 28,2% na rede privada. O ingresso na carreira do magistério, através da rede pública, pode ser justificado pela estabilidade promovida pelo concurso público. Outra justificativa é indicada por Andrade et al (2004, p.83) quando comenta que “[...] a expansão do ensino público transforma o magistério em ocupação na qual ocorre relativamente rápida inserção no mercado de trabalho”.

Relacionando isso com um estudo comparativo (Laboratório de Pesquisa em Psicologia Escolar Educacional) entre a formação de psicólogos no Brasil e em Portugal e na Espanha, de modo específico na matriz curricular e denominação dos cursos de graduação, recupera-se informações sobre a importância dada em países de língua estrangeira aos cursos de licenciatura, ou seja, de formação de profissionais e professores.

Outro dado significativo referente a esta amostra é a grande maioria dos professores com carga máxima de trabalho, entre 31 e 40 horas aulas e efetivos ou concursados (índices apresentados na próxima tabela).

Tabela 26 – Proporção de professores segundo sua situação funcional atual.

	<i>Fr</i>	Fr%
Efetivo concursado	68	68,00
Efetivo sem concurso	2	2,00
Contrato temporário	16	16,00
Professor Eventual	4	4,00
Contratado – CLT	6	6,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

32. Situação funcional atual:

No que diz respeito à situação funcional, os resultados são bastante semelhantes aos da pesquisa nacional. Assim, nesta pesquisa, 68 (68%) professores estão na categoria de efetivos concursados, 2 (2%) efetivos sem concurso e 16 (16%) com contrato temporário (Tabela 26). A pesquisa em nível nacional mostrou que 66,1% dos professores são efetivos concursados, 19,1% estão na categoria de contrato temporário, 9,2% são efetivos sem concurso e 5,7% são contratados em regime de CLT (ANDRADE et al. 2004). Este dado também pode estar relacionado ao critério de seleção de professores inseridos no Curso de Formação Continuada.

Conforme o autor citado, o ingresso por concurso na rede pública de ensino sofreu e ainda sofre, ao longo da história da profissionalização docente, situações controversas e distintas. Além do concurso, existem hoje outras modalidades de contrato na rede pública, fato que pode ocorrer devido à acelerada expansão de ensino para crianças e jovens, e que não foi acompanhada pelo aumento de concurso. Esta situação pode indicar que a atuação na escola pública significa um emprego de curta ou média duração, lançado para suprir as atuais dificuldades da rede.

Estes dados são concordantes entre situação funcional atual (efetivos e concursados) com o tempo de formação e atuação profissional. Outrossim, refere-se ao item seguinte, poia se considerarmos que segundo esta amostra a grande maioria é de professores experientes, este programa de formação continuada está possibilitando uma atualização profissional àqueles com maior tempo de atuação. Sugiro para investigações futuras que seja identificado junto a todos os professores, se os mais ou os menos experientes necessitam participar de um programa de formação continuada em que se prioriza a troca de experiências. Isto nos faz olhar para os critérios de escola referentes a políticas públicas para a formação continuada de professores.

Tabela 27 – Proporção de professores conforme o número de aulas semanais.

	<i>Fr</i>	Fr%
Até 5 aulas	1	1,00
De 6 a 10 aulas	2	2,00
De 11 a 20 aulas	12	12,00
De 21 a 30 aulas	21	21,00
De 31 a 40 aulas	54	54,00
Acima de 40 aulas	3	3,00
Não responderam	7	7,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
36. Número de aulas por semana:

No que se refere ao número de aulas semanais, a maioria dos professores consultados ministra de 31 a 40 horas-aula semanais, o que corresponde a 54% da amostra da minha pesquisa, enquanto que 21 (21%) têm de 21 a 30 horas por semana de aula, 12 (12%) possuem de 11 a 20 horas-aula, e 3 (3%) são professores com mais de 40 horas-aula semanais (Tabela 23). Comparando com a pesquisa em nível nacional, verifiquei que 54,2%, ou seja, a maioria dos docentes cumpre de 21 a 40 horas-aula semanais, 30,9% atuam de 1 a 20 horas e os professores que atuam com mais de 40 horas semanais em sala de aula são 14,8% (ANDRADE et al. 2004).

Diante destes dados, surge um questionamento: como relacionar a carga horária com a qualidade do trabalho docente, tendo em vista que com uma jornada excessiva sobra pouco tempo para atividades de estudo, planejamento e avaliação, bem como pode se constituir um indicativo desta unidade amostral, ou seja, se a maioria dos professores é concursada e efetiva, a maioria também apresenta uma carga horária semanal entre 31 e 40 horas aulas.

Tabela 28 – Proporção de professores segundo os números de aula na mesma escola.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Sim	50	50,00
Não	49	49,00
Não respondeu	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

37. Todas as aulas citadas são em uma mesma escola?

No que diz respeito ao número de instituições educativas em que estão alocadas as aulas semanais, 50 (50%) responderam que as referidas aulas são em uma única escola e 49 (49%) complementam sua carga horária semanal em outras escolas (Tabela 28). Este dado coincide com os da pesquisa do professor brasileiro, cuja maioria (58,5%) está em uma única escola, 32,2% em duas unidades escolares e 2,9% dos professores atuam em quatro ou mais escolas. Este dado é considerado muito significativo pelos pesquisadores da UNESCO, já que representa 48.574 dos 1.698.383 docentes do Brasil, segundo o censo escolar de 2001.⁶

Um fato que me chama a atenção é que estes dados não coincidem com o que observo no cotidiano do professor, ou seja, é muito comum o professor apresentar atitudes queixosas, chegando muitas vezes a não se comprometer com a escola, alegando não ter tempo e ter que lecionar em várias escolas.

⁶ Fonte: MEC/INEP/SEEC, Censo Escolar, 2001.

Outro dado interessante na pesquisa nacional é a tendência do professor do sexo feminino trabalhar em uma única escola (62,1%), fato que também ocorre nas análises por região e por nível de ensino (ANDRADE, et.al. 2004).

Tabela 29 – Proporção de professores segundo a atuação em outra atividade remunerada, além do magistério.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Sim	8	8,00
Não	92	92,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

33. Desenvolve outra atividade remunerada além do magistério:

No que diz respeito a exercer outra atividade remunerada além do magistério, a maioria dos participantes – 92(92%) – respondeu não exercer nenhuma outra atividade remunerada. Apenas 8 (8%) dos participantes afirmaram desenvolver outra atividade remunerada, além do magistério (Tabela 29). O mesmo ocorreu na pesquisa nacional, onde 87,3% não exercem outra atividade, enquanto que 12,7% responderam que possuem outra atividade fora do magistério. Andrade et al. (2004) acrescentam ainda que os professores que mais desenvolvem outra atividade são em primeiro lugar os contratados pela CLT (16,5%), e num percentual menor, aqueles com contratos temporários (14,9%) e os efetivos sem concurso numa frequência de 12,6%. A pesquisa nacional constata ainda que os professores com curso superior (sem formação pedagógica) são os que mais buscam outra atividade remunerada.

Considerando a reclamação quanto aos baixos salários, observa-se que o magistério é uma profissão que absorve tanto o professor, que este não tem condições de procurar ou mesmo desenvolver outra atividade. (ANDRADE ET AL., 2004)

Nesta pesquisa, o não exercício de outra atividade remunerada pode estar relacionado aos seguintes indicativos: a maioria dos professores tem carga horária de trabalho completa (entre 31 e 40 horas); situação econômica do cônjuge ou a não necessidade de incrementos financeiros no orçamento.

Tabela 30 – Proporção de professores que atuam também na rede particular de ensino.

	Fr	Fr%
Sim	26	26,00
Não	74	74,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

34. Leciona também na rede particular de ensino:

Da amostra pesquisada, a maioria (74%) atua somente na rede pública estadual, enquanto que 26 (26%), portanto a minoria leciona também na rede particular de ensino. .

Tabela 31 - Proporção de professores segundo o tempo de atuação na rede particular.

	Fr	Fr%
Há alguns meses	0	0
De 1 a 3 anos	6	23,008
De 4 a 7 anos	8	30,77
Acima de 7 anos	12	46,15
Total	26	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

34. Leciona também na rede particular de ensino: há quanto tempo?

As informações contidas nas tabelas 30 e 31 indicam que uma minoria de professores, ou seja, 26 (26%), possui uma atividade profissional correlata e que 12 (46,1%) professores lecionam há mais de 7 anos, também na escola particular. Estes dados podem estar relacionados à perda do poder aquisitivo da categoria, o que propiciou aos professores a busca por melhores salários.

Tabela 32 - Proporção de professores segundo o nível de ensino na rede particular.

	Fr	Fr%
Fundamental	15	50,00%
Médio	13	43,33%
Cursinho	1	3,33%
Superior	1	3,33%
Total	30	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

34. Leciona também na rede particular de ensino: em que nível de ensino?

Dos 26 professores atuantes também na rede particular, temos 15 (50,0%) no ensino fundamental e 13 (43,3%) no ensino médio, 1 (3,3%) em cursinho e 1(3,3%) no ensino superior. Considerando que neste item os respondentes podiam responder a mais que uma alternativa, obteve-se uma freqüência de respostas de 30 (100%) sendo um indicativo que os professores atuam em mais que um nível de ensino de modo concomitante na rede particular.

Importante ressaltar que embora a formação da maioria dos professores ocorra na escola particular, é na rede pública que acontece sua inserção no mercado de trabalho, fato que se dá segundo Andrade et al. (2004) devido à expansão do ensino público.

Tabela 33 – Proporção de professores quanto à aspiração profissional.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Permanecer na função atual	66	53,66
Ocupar cargos de direção e administração escolar	20	16,26
Permanecer na função atual, mas em outra escola	6	4,88
Realizar outra atividade profissional na área educacional	21	17,07
Dedicar-se a outra profissão	10	8,13
Total	123	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
53. Aspiração profissional para os próximos anos:

Quanto à expectativa profissional para o futuro, a maioria (53,66%) optou por permanecer na mesma função, ou seja, continuar na docência, enquanto que a minoria, e com um percentual bem inferior, almeja alcançar outros cargos dentro do plano de carreira do magistério. A alta porcentagem de docentes que desejam continuar em sala de aula indica que embora o magistério esteja sendo muito questionado, criticado, desvalorizado pela sociedade e até mesmo “pelos seus próprios atores”, pode ser um dos indicadores da satisfação escolar destas amostras, fato que oferece grande perspectiva de mudanças na educação. Torna-se significativo que neste item o respondente poderia assinalar mais que uma resposta, portanto, a análise desta questão fora feita pela freqüência de resposta.

Outro dado específico desta amostra refere-se à permanência na profissão e que pode ser explicado pela estabilidade que a carreira lhe confere. Este dado torna-se um contraponto nos estudos sobre o estresse, síndrome de bournout e a desistência do magistério (CODO, 2002).

4.2. Categoria 02 – Acesso à Cultura e Atualização Profissional

Tabela 34 - Proporção de professores segundo incentivo familiar quanto à leitura.

Leitura	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Jornal	43	23,76
Revista	56	30,94
Livro	82	45,30
Total	181	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

20. Quando criança, sua família o (a) incentivava: leitura.

Quanto aos professores que receberam incentivos da família para a construção do hábito de leitura, 82 (45,30%) afirmaram que o fizeram com livro, 56 (30,94%) com revista e 43 (23,76%) utilizaram o jornal (Tabela 34). Torna-se significativo ressaltar que neste item o respondente poderia indicar um ou mais itens, o que justifica que o número de respostas não se ajusta ao número de respondentes. Vale lembrar que neste item a análise foi feita pela frequência de respostas, pois o sujeito poderia assinalar mais que uma alternativa.

Tabela 35 – Proporção de professores segundo incentivo familiar para freqüentar eventos culturais

Freqüentar	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Teatro	21	19,81
Museu	21	19,81
Cinema	64	60,38
Total	106	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

20. Quando criança sua família o (a) incentivava a: freqüentar eventos culturais.

Quanto ao incentivo familiar para freqüentar eventos culturais, 64 (60,38%) freqüentavam o cinema, 21 (19,81%) museus e 21 (19,81%) teatro (Tabela 35). Cabe ressaltar que esta questão foi analisada à luz da frequência de resposta, sendo que o participante poderia assinalar mais que uma alternativa.

De acordo com as informações descritas nas tabelas 37 e 38, em que ao respondente fora oportunizado assinalar mais que uma resposta para cada questão, nota-se que a frequência de respostas foi maior quanto ao incentivo à leitura (181 professores) do que quanto ao incentivo à participação em eventos (106 professores), o que podemos inferir que

nesta amostra a busca por cultura ocorre em maior incidência na imprensa escrita do que na participação em eventos culturais.

Tabela 36 – Proporção de professores conforme hábito da família de origem.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Pai	31	22,79
Mãe	42	30,88
Irmão	41	30,15
Outros	22	16,18
Total	136	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

21. Qual pessoa em sua família tinha/ tem esse hábito?

Quanto ao incentivo à leitura de acordo com a influência de membro da família, 42 (38,88%) foram oriundos da mãe, 41 (30,15%) dos irmãos e 31 (22,79%) do pai (Tabela 36). Este dado pode estar relacionado com a configuração familiar, ou seja, a partir da descrição da faixa etária dos participantes desta pesquisa. Isto quer dizer que os professores foram criados em um momento em que a educação dos filhos ficava a cargo da mãe. Outro ponto significativo constituiu-se na influência dos irmãos, período que pode estar marcado pelo maior acesso à educação formal.

Tabela 37 – Proporção de professores conforme o hábito de outros membros da família.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Tia	8	47,06
Avô	5	29,41
Primo (a)	1	5,88
Esposo (a)	1	5,88
Filhos	2	11,76
Total	17	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

21. Pessoa de sua família que tinha/tem esse hábito: especificar.

Quanto à influência de outros membros da família, os participantes indicaram que 8 (47,06%) receberam influência de tia, 5 (29,41%) de avô, 1 (5,88) de primo, 1 (5,88%) de esposo (a) e filhos (Tabela 37).

Torna-se significativo que a leitura dos dados apresentados nas tabelas 39 e 40 assinalam que o incentivo para leitura fora marcado pelo gênero feminino, sendo que as maiores frequências se referem às mães e às tias. Estes dados podem estar relacionados à

configuração familiar e ao tempo e à realidade que vivenciaram os professores participantes desta pesquisa.

Tabela 38 – Proporção de professores segundo o tipo de leitura preferida.

	Fr	Fr%
Revista especializada em educação	19	7,69
Assuntos diversos	79	31,98
Livros de sua área de atuação	68	27,53
Livros sobre educação	43	17,41
Livros de ficção	29	11,74
Outros	9	3,64
Total	247	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
22. Atualmente, que leitura prefere?

Quanto ao tipo preferido de leitura, os participantes desta pesquisa informaram que: 79 (31,98%) optam por assuntos diversos, 68 (27,53%) por livros de sua área de atuação, 43 (17,40%) por livros sobre educação, 29 (11,74%) por livros de ficção, 19 (7,69%) por revista especializada em educação e 9 (3,64%) por outros (Tabela 38). A somatória das porcentagens entre livros de sua área de atuação, livros sobre educação e revista especializada em educação computa 130 (52,63%) do total de respostas, indicando que os professores buscam atualização profissional em material impresso e ligado à sua profissão seja a educação ou sua área de atuação específica.

Tabela 39 – Proporção de professores segundo outros tipos de leituras preferidas.

	Fr	Fr%
Jornais	5	55,56
Livros de aventura e romance	2	22,22
Internet	1	11,11
Informática	1	11,11
Total	9	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
22. Atualmente que leitura prefere: especificar.

Quanto a outros tipos de leituras preferidas, os participantes desta pesquisa informaram que 5 (55,56%) preferem os jornais, 2 (22,22%) livros de aventura e romance, 1 (11,11%) internet e 1 (11,11%) informática (Tabela 39).

Quanto à análise do incentivo à leitura, análises posteriores ratificam as pesquisas anteriores que estudam sobre a importância e a influência social, e mais especificamente a da

família na formação do hábito pela leitura e do prazer para a arte e cultura. Quanto ao tipo de leitura preferida dos professores pesquisados, entre as opções oferecidas, os dois gêneros mais indicados foram: em primeiro lugar, com 33,19%, **assuntos diversos**, em segundo, **livros da área específica de atuação do professor**, com 28,57% de escolhas. Torna-se significativo relacionar que nos dados descritos na tabela 41, os respondentes poderiam assinalar mais que uma resposta.

Entre os diversos gêneros literários, os professores participantes da pesquisa em nível nacional consideram mais interessante o da pedagogia/educação, o que sugere que tais profissionais ocupam parte do tempo livre com leituras que estão relacionadas ao seu trabalho (ANDRADE et al., 2004).

Em seguida apresentarei um conjunto de dados descritos nas tabelas 43 a 52, referentes à frequência de participação em eventos culturais. Para tanto, torna-se significativo ressaltar que a análise fora feita à luz da frequência de respostas, portanto o número total de alternativas assinaladas não corresponde ao número de sujeitos, pois são excluídos os que não responderam ao item, bem como incluídos aqueles que responderam a duas ou mais alternativas.

Tabela 40 – Proporção de professores quanto à frequência a museus no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	23	53,49
De duas a três vezes	17	39,53
De quatro a seis vezes	3	6,98
Total	43	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
29. No último ano quantas vezes você foi a: Museu.

Quando solicitados a informar sobre o número de vezes que foram ao museu no último ano, os respondentes informaram que 23 (53,49%) o fizeram apenas uma vez, 17 (39,53%) de duas a três vezes e 3 (6,98%) de quatro a seis vezes. Nenhum participante respondeu acima de 7 vezes, justificando a ausência desta alternativa na tabela acima.

Tabela 41 – Proporção de professores quanto à frequência em exposições de centros culturais no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	21	30,88
De duas a três vezes	34	50,00
De quatro a seis vezes	12	17,65
Acima de 7 vezes	1	1,47
Total	58	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
29. No último ano, quantas vezes você foi a: exposição de centros culturais?

No que diz respeito ao número de vezes que freqüentaram, no último ano, exposições em centros culturais, 34 (50%) informaram de duas a três vezes, 21 (30,88%) uma vez, 21 (17,65%) de quatro a seis vezes e 1 (1,47%) acima de 7 vezes (Tabela 41).

Tabela 42 - Proporção de professores quanto à freqüência ao cinema no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	8	9,76
De duas a três vezes	22	26,83
De quatro a seis vezes	27	32,93
Acima de 7 vezes	25	30,49
Total	82	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

29. No último ano, quantas vezes você foi a: no cinema:

Quanto à freqüência ao cinema no último ano, os participantes informaram que 27 (32,93%) foram de quatro a seis vezes, 25 (30,49%) acima de sete vezes, 22 (26,83%) de duas a três vezes e 8 (9,76%) apenas uma vez (Tabela 42).

Tabela 43 - Proporção de professores quanto a assistir fita de vídeo em casa no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	10	10,10
De duas a três vezes	12	12,12
De quatro a seis vezes	33	33,33
Acima de 7 vezes	44	44,44
Total	99	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

29. No último ano, quantas vezes você assistiu fita de vídeo em sua residência.

Em referência a assistir fita de vídeo em casa, os participantes deste estudo indicaram que 44 (44,44%) acima de sete vezes, 33 (33,33%) de quatro a seis vezes, 12 (12,12%) de duas a três vezes e 10 (10,10%) apenas uma vez (Tabela 43).

Tabela 44 - Proporção de professores quanto à freqüência a shows de rock no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	10	55,56
De duas a três vezes	5	27,78
De quatro a seis vezes	3	16,67
Total	18	100%

Nota: Foi perguntado aos Professores:

29. No último ano quantas vezes você foi a: shows de rock.

Entre os participantes deste estudo apenas 18 (100%) dos respondentes referiram-se a frequência em shows de rock, sendo 10 (55,56%) apenas uma vez, 5 (27,78%) de duas a três vezes, 3 (16,67%) de quatro a seis vezes (Tabela 44). O baixo índice neste quesito pode estar relacionado à faixa etária em que os participantes se encontram, sendo que este gênero de música não se constitui uma preferência.

Tabela 45 - Proporção de professores quanto à frequência a shows de música popular ou sertaneja no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	9	28,13
De duas a três vezes	17	53,13
De quatro a seis vezes	3	9,38
Acima de 7 vezes	3	9,38
Total	32	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

29. No último ano quantas vezes você foi a shows de música popular ou sertaneja.

Em relação à frequência em shows de música popular ou sertaneja, a frequência está aproximada ao dobro do gênero musical citado na tabela anterior, sendo que 17 (53,13%) foram de duas a três vezes, 9 (28,13%) uma vez, 3 (9,38) de quatro a seis vezes e 3 (9,38%) acima de sete vezes (Tabela 45). Este dado pode inferir que este gênero pode se constituir uma preferência musical.

Tabela 46 - Proporção de professores quanto à frequência a concerto de música erudita ou ópera no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	5	50,00
De duas a três vezes	2	20,00
De quatro a seis vezes	3	30,00
Total	10	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

29. No último ano quantas vezes você foi a: concerto de música erudita ou ópera.

Em contraponto aos gêneros musicais apresentados nas tabelas 44 e 45, os participantes referiram-se à frequência a concerto de música erudita ou ópera com um índice baixo, totalizando a frequência de dez respostas, sendo que 5 (50%) referiram-se a uma vez, 3 (30%) de quatro a seis vezes, 2 (20%) de duas a três vezes (Tabela 46). Este baixo índice pode estar associado à falta de identificação com o gênero musical bem como uma característica local.

Tabela 47 - Proporção de professores quanto à frequência em danceterias, bailes, bares com música ao vivo no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	6	8,82%
De duas a três vezes	19	27,94%
De quatro a seis vezes	21	30,88%
Acima de 7 vezes	22	32,35%
Total	68	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

29. No último ano quantas vezes você foi a: danceteria, baile, bar com música ao vivo.

Quanto à frequência em danceterias, bailes e bares com música ao vivo no último ano, a frequência de respostas está distribuída da seguinte forma: 22 (32,35%) acima de sete vezes, 21 (30,88%) de quatro a seis vezes, 19 (27,94%) de duas a três vezes e 6 (8,82%) apenas uma vez.

Tabela 48 - Proporção de professores quanto à frequência em clubes no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	8	12,50
De duas a três vezes	11	17,19
De quatro a seis vezes	12	18,75
Acima de 7 vezes	33	51,56
Total	64	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

29. No último ano quantas vezes você foi a: clubes.

Quanto à frequência em clubes, os participantes indicaram que 33 (51,56%) foram acima de sete vezes, 12 (18,75%) de quatro a seis vezes, 11 (17,19%) de duas a três vezes e 8 (12,50%) apenas uma vez (Tabela 48)

Tabela 49 - Proporção de professores quanto à frequência em estádios esportivos no último ano.

	Fr	Fr%
Uma vez	5	29,41
De uma a três vezes	8	47,06
De quatro a seis vezes	1	5,88
Acima de 7 vezes	3	17,65
Total	17	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

29. No último ano quantas vezes você foi a: estádios esportivos.

Quanto à frequência em estádios no último ano, 8 (47,06%) dos participantes indicaram que foram de duas a três vezes, 5 (29,41%) uma vez, 3 (17,65%) acima de sete vezes e 1 (5,38%) de quatro a seis vezes. O baixo índice neste item pode ser justificado pelo gênero dos participantes deste estudo, ou seja, a maioria do sexo feminino.

O conjunto de dados descritos nas tabelas de 43 a 52 refere-se à frequência na participação em atividades de natureza cultural, sendo que a frequência de respostas traz indicativos significativos sobre a diversidade no acesso à cultura dos participantes desta investigação. Trata-se de reconhecer as principais preferências como ir ao cinema, assistir a fita de vídeo em casa, música popular e sertaneja bem como freqüentar ambientes com música ao vivo.

O acesso à diversidade cultural pode interferir de modo significativo na construção de uma prática educativa integrada à realidade vivida, propiciando que o professor construa projetos educativos atuais e que venham a responder às necessidades das instituições educativas.

Tabela 50 – Proporção de professores segundo a participação em eventos.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Até 05	13	13,00
De 06 a 10	20	20,00
De 11 a 20	21	21,00
Acima de 20	46	46,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

42. Número de eventos (encontro, simpósio, workshop, seminário, palestra, congresso, curso), você participou ao longo de sua carreira:

Quanto à atualização profissional sobre a forma de participação em eventos ao longo da carreira, 46 (46%) dos respondentes referiram-se a mais de vinte, 21 (21%) entre onze e vinte, 20 (20%) entre seis e dez e 13 (13%) até cinco eventos.

Tabela 51 – Proporção de professores quanto à frequência em cursos de capacitação.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Até 05	18	18,00
De 06 a 10	22	22,00
De 11 a 20	20	20,00
Acima de 20	40	40,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

43. Número de cursos de capacitação que você já fez.

Quanto à atualização profissional sob a forma de cursos de capacitação, os participantes deste estudo indicaram que 40 (40%) participaram de acima de vinte cursos, enquanto 22 (22%) entre seis e dez, 20 (20%) entre onze e vinte e 18 (18%) de até cinco cursos de capacitação (Tabela 51).

Em consideração aos maiores índices de participação em eventos científicos – 46 (46%) – e em cursos de capacitação – 40 (40%) – torna-se importante ressaltar que, se a maioria dos professores, 41 (41%), tem um tempo de atuação entre 11 e 20 anos, e as políticas de sistematização de cursos de formação continuada no estado de São Paulo foram intensificadas nos quatro últimos anos, pode-se indagar se estes participantes têm mais acesso a cursos de formação continuada do que a participação em eventos.

Outra variável interveniente pode ser a procura por cursos de capacitação, o que indica o interesse do profissional da educação em buscar novos conhecimentos e recursos para melhorar a qualidade do seu ensino. Tal fato mostra a necessidade de se repensar as políticas educacionais e maneiras de colocá-las em prática, ao mesmo tempo em que as instituições formadoras devem cuidar para oferecer uma formação inicial e/ou continuada realísticas.

Tabela 52 – Proporção de professores segundo a assinatura de periódico.

	Fr	Fr%
Sim	52	52,00
Não	45	45,00
Não responderam	03	3,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
41. Você assina periódico?

Constitui-se outra forma de acesso à cultura ou atualização profissional a assinatura de periódicos, sendo que 52 (52%) responderam de modo afirmativo, 45 (45%) de modo negativo e 3(3%) não responderam.

Tabela 53 – Proporção de professores segundo os tipos de periódicos preferidos.

	Fr	Fr%
Veja	13	17,33
Estadão	3	4,00
Nova Escola	14	18,67
Internet	1	1,33
Jornal	5	6,67
Superinteressante	9	12,00
Mundo estranho	1	1,33
Folha do Vale	1	1,33
Revista Escolar	9	12,00
Isto é	3	4,00
National Geographic	2	2,67
Saúde	1	1,33
Ciência hoje das crianças	1	1,33
Galileu	1	1,33
Época	2	2,67
Folha de São Paulo	7	9,33
Família Cristã	1	1,33
Revista Científica Americana	1	1,33
Total	75	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

41. Você assina periódico? Qual?

Quanto à distribuição de frequência de respostas, evidencia-se que os dois primeiros índices referem-se a um periódico de circulação nacional e com um caráter de informação, ou seja, Revista **Veja** com 13 (17,33%) ocorrências e o segundo um periódico voltado à atualização profissional, ou seja, a revista **Nova Escola**, com 14 (18,67%) ocorrências. Outro dado significativo foi a preferência por jornais de circulação estadual (Estadão e Folha de São Paulo).

Tabelas 54 – Proporção de professores segundo as justificativas para a não assinatura de periódico.

	Fr	Fr%
Dificuldades Financeiras	11	24,44
Não há tempo para leitura	3	6,67
Não teve acesso	2	4,44
Falta de oportunidade	1	2,22
Tem acesso através da Internet	2	4,44
Tem acesso através da escola	3	6,67
Não justificaram	23	51,11
Total	45	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

41. Você assina periódico? () não. Por quê?

Nota-se que neste item entre, os quarenta e cinco participantes que responderam que não assinam periódicos, 23 (51,11%) não justificaram. No que diz respeito àqueles que justificaram, 11 (24,44%) atribuíram a dificuldades financeiras, 3 (6,67%) referiram-se à falta de tempo para leitura e ao acesso através da escola, 2 (4,44%) afirmaram não ter acesso e apenas 1 (4,55%) apontou falta de oportunidade (Tabela 54).

Dados sobre a vida social e cultural do professor têm uma relevância especial à medida que possibilitam ampliar a compreensão da educação, e principalmente o papel do professor na sociedade contemporânea.

Segundo Andrade et al. (2004), a prática educativa não deve estar voltada só para o trabalho, mas também para a formação da pessoa no sentido mais amplo, incluindo o estético e o ético e demais dimensões da vida. Desta maneira, sendo a escola um centro de formação, as atividades ligadas à cultura, como música, literatura, teatro, cinema, entre outras, devem estar presentes no cotidiano do processo educativo. Assim, é imprescindível conhecer as preferências e atividades culturais do professor.

4.3. Categoria 03 – Avaliação da Profissão e Prática docente

Na terceira categoria apresento os dados coletados entre os 100 participantes da pesquisa, que opinaram sobre os aspectos: gestão escolar, apoio pedagógico e prática de ensino.

Tabela 55 – Proporção de professores segundo a avaliação da progressão continuada.

	Fr	Fr%
Boa	18	18,00
Regular	44	44,00
Ruim	37	37,00
Não responderam	01	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
49. Avalia da progressão continuada:

Os resultados desta pesquisa, com relação à avaliação e ao sistema da progressão continuada, merecem maiores cuidados e aprofundamento, tanto no campo teórico como no desenvolvimento de novas investigações.

A avaliação na educação básica, através da progressão continuada, tem provocado muita discussão, desencontro com relação ao processo ensino-aprendizagem, descrédito da população quanto à função da escola, competência do professor, gerando insatisfação em toda a equipe educativa, família e sociedade em geral. As conseqüências desta situação já podem ser observadas através do alto índice de crianças e jovens que avançam o processo de seriação escolar, sem ao menos estarem alfabetizadas, e é claro, podendo esta situação ser uma das causas dos inúmeros fenômenos surgidos no cotidiano escolar e interferindo na qualidade da educação.

Considerando o contexto acima e as respostas dos professores, que em sua maioria (72,0%) respondeu que avaliar não constitui um problema para sua atuação no magistério, se contradiz quando 44 (44,0%) dos professores conceituam a progressão continuada como regular, seguida do conceito ruim com 37 (37,0%) das respostas.

Diariamente atuando neste contexto, através de minha prática, enquanto formadora de Professores e de Psicólogos Escolares, juntamente com o Grupo de Pesquisa “Educação, Cotidiano e Diálogos Contemporâneos”, desenvolvo o projeto Formação Continuada, visando melhor compreender esta situação e criar estratégias que possam amenizar as dificuldades encontradas no cotidiano do professor, da equipe técnico-administrativa e, como conseqüência, melhor orientação ao aluno e sua família. Vale ressaltar que em um total de 100 respondentes, 44 (44%) avaliaram a progressão continuada como regular, 37(37%) como ruim e somente 18(18%) a consideraram como boa. Ao somar a opção regular com 44%, com a ruim de 37%, tenho uma freqüência de 81%. Em contrapartida, com a porcentagem do conceito bom de 18%, tenho um indicativo do grau de insatisfação do profissional/professor com relação à progressão continuada.

Tabela 56 – Proporção de professores segundo a avaliação sobre o apoio pedagógico.

	<i>Fr</i>	Fr%
Ótimo	14	14,00
Bom	53	53,00
Regular	30	30,00
Ruim	3	3,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

45. Como você classifica o nível de apoio pedagógico para as suas atividades regulares em sala de aula?

Os dados possibilitam perceber que 53% dos participantes indicaram que o apoio pedagógico recebido em seu cotidiano escolar como bom, e 30(30%) como regular. Esse resultado merece uma atenção especial, buscando melhor entendê-lo, já que em minha prática

profissional, assessorando instituições educativas e atuando como docente em um programa de Educação Continuada percebo o professor com dúvidas e dificuldades pedagógicas, sem poder contar com a orientação, o acompanhamento, e muitas vezes encontrando também dificuldade na relação com o referido profissional.

Tabela 57 – Proporção de professores segundo a participação nas decisões pedagógicas.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Sim	16	16,00
Não	84	84,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
46. Você participa das decisões pedagógicas em sua escola?

Outro aspecto que merece maior atenção é o que diz respeito à participação do professor nas decisões pedagógicas. Conforme se observa na tabela 36, a grande maioria dos profissionais consultados (84%) disse que não participa das decisões, fato que contradiz a Política Educacional Brasileira atual, que estabelece diretrizes democráticas orientando a equipe educativa para a realização do planejamento, do acompanhamento e da avaliação do processo ensino-aprendizagem. Ao relacionar tais Políticas com os dados de minha pesquisa, questiono sobre o grau de democratização na nossa educação, já que as decisões continuam ocorrendo de forma verticalizada.

Tabela 58 – Proporção de professores segundo a valorização da profissão pela sociedade brasileira.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Valoriza pouco o professor	50	50,00
Não valoriza	49	49,00
Não respondeu	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
50. Avaliação da profissão docente pela sociedade brasileira:

Quanto à valorização da profissão pela sociedade brasileira, metade dos participantes (50%) avalia como pouco reconhecida enquanto 49 (49%) afirmaram a ausência de valorização e apenas 1 (1%) não respondeu (Tabela 58). Este dado torna-se significativo, pois a maioria dos participantes avaliou este quesito pela ausência ou de modo negativo.

Tabela 59 -- Proporção de professores segundo a avaliação da profissão pela própria categoria.

	<i>Fr</i>	Fr%
Auto valorização	23	23,00
Auto desvalorização	53	53,00
Indiferente	24	24,00
Total	100	100%

Nota: foi perguntado aos professores:

51. Valorização da profissão pela categoria.

De modo complementar às informações da tabela anterior, a avaliação pela própria categoria também demonstra que 53 (53%) dos participantes acreditam que os próprios professores não valorizam a profissão enquanto 24 (24%) afirmaram ser indiferentes e 23 (23%) indicaram a auto-valorização (Tabela 59). Este dado também aponta para questões relativas à falta de valorização da própria categoria, o que pode se constituir uma mola propulsora para o gerenciamento de projetos educativos voltados à saúde do trabalhador da educação e qualidade de vida minimizando indicadores do mal-estar docente.

Quanto aos dados apresentados e suas respectivas análises e discussões, estabeleço a partir dos resultados descritos nas tabelas 60 a 62 um grande eixo norteador do perfil profissional do professor aqui estudado, ou seja, o quanto a necessidade de apoio pedagógico, a avaliação da profissão pela categoria e pela sociedade contribui para as mudanças no papel que o professor exerce na sociedade contemporânea, provocando alterações não só em sua prática, mas na representação que tem da mesma, tornando-se um fator desencadeador de fatores primários e secundários que contribuem para a instalação e manutenção do estresse ocupacional e a instalação do mal-estar docente. Para promover a interlocução com estes fatores situei na literatura especializada os conceitos apresentados por Nóvoa (1991) e as mudanças no trabalho docente apresentadas por Gatti (1996), apontando para questões como o aumento do número de alunos, as diferenças socioculturais, etc., Libâneo (2003) e as novas perspectivas para a escola contemporânea e que exigem novas posturas dos professores, Tedesco (2004) e a questão da avaliação do desempenho dos professores. Somando-se a estas informações, Globe e Porter (1980) assinalaram o aparecimento de dificuldades inerentes às novas configurações familiares e as mudanças nas ordens econômicas e sociais que assolaram a família e, por conseguinte, a profissão docente.

Em contrapartida, apesar de investir no lazer como uma das estratégias de enfrentamento e regulação do bem-estar físico e psíquico, a desvalorização do professor pela sociedade e categoria provoca alterações na imagem que o mesmo faz da profissão conforme

as idéias propostas por Arroyo (2000) e Esteve (1999) quando se refere ao mal-estar docente. Outrossim, refere-se à memória viva de minha experiência profissional, considerando que a desvalorização advinda da sociedade e da categoria pode ser provocadora do estresse ocupacional, do desencadeamento de fatores primários e secundários, e do mal-estar docente.

Tabela 60 – Proporção de professores segundo a definição e contribuição da formação continuada para a prática educativa.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Acrescenta novos conhecimentos	37	21,38
Mantém atualizado	22	12,72
Melhora a prática profissional	45	26,01
Contribui na formação pessoal	5	2,90
Deixa o professor mais tranquilo	3	1,73
Fora da realidade	3	1,73
Não facilita, é preciso mais cursos	1	0,58
Dedicação e compromisso pessoal	1	0,58
Troca de experiências	18	10,40
Recicla a prática educativa	6	3,47
Pouco tempo	2	1,16
Deixa a desejar	6	3,47
Prejudica o rendimento	1	0,58
Deveria ter estímulo financeiro	5	2,90
Deve auxiliar diretamente com o aluno ou na parte prática	11	6,37
Deve ser reavaliada	6	3,47
Desvalorizou ainda mais o professor	1	0,58
Total	173	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

55. Como você define os programas de formação continuada e em que aspectos os mesmos podem facilitar sua prática educativa.

Quando solicitado ao professor que emitisse opinião sobre os cursos de formação continuada, os quatro itens com maior frequência de indicação foram: em primeiro lugar, a melhora na prática profissional com 45 (26,01%) respostas; em segundo lugar, acréscimo de novos conhecimentos com uma ocorrência de 37 (21,39%); em terceiro, manter-se atualizado com 22 (12,72%), e 18 (10,40%) respondentes indicaram a troca de experiência (Tabela 60). Igualmente, referente à troca de experiências, se a maioria dos professores desta amostra indicou possuir uma trajetória profissional, pode-se evidenciar que a formação continuada está favorecendo a troca entre profissionais com tempo de atuação semelhantes, evidenciando-se a necessidade que a partilha de experiências seja efetivada também para os

denominados professores iniciantes, recém saídos dos cursos de graduação e que necessitam ouvir dos colegas mais experientes sobre os desafios inerentes à profissão.

Tabela 61 – Proporção de professores segundo os estímulos considerados eficazes para realizar um Curso de Formação Continuada.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Estímulos salariais	59	18,15
Uso do tempo de trabalho para a capacitação	38	11,69
Diplomas e certificados formais	37	11,38
Aprimoramento profissional	46	14,15
Aprimoramento pessoal e profissional	90	27,69
Promoção na carreira docente e de administração	55	16,92
Total	325	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

56. Quais são os estímulos mais eficazes para você optar por um curso de formação continuada?

No que diz respeito ao incentivo como fator extrínseco da motivação, a frequência de respostas distribui-se da seguinte forma: 90 (27,69%) indicaram que com curso de capacitação ocorre o aprimoramento pessoal e profissional, ficando em segundo com 59 (18,15%) respostas os estímulos salariais. Em terceiro lugar, 55 (16,9%2) indicaram a promoção na carreira docente e de administração, e em quarto, o aprimoramento profissional com 46 (14,15%) respostas. Interessante informar que na pesquisa nacional os estímulos salariais foram os mais indicados com uma frequência de 74,1%, seguido da promoção na carreira com 57,4% (ANDRADE et. Al 2004). Os dois itens mais indicados na pesquisa nacional ocuparam, respectivamente, o segundo e o terceiro lugares na minha investigação.

Tabela 62 – Proporção de professores segundo as horas semanais dedicadas ao planejamento.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Menos de 5 horas	38	38,00
De 6 a 10 horas	53	53,00
De 11 a 20 horas	9	9,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

38. Número de horas semanais que você dedica ao planejamento de suas aulas:

No que se refere ao planejamento, avaliação e práticas educativas, no quesito total de horas semanais dedicadas ao planejamento de aulas, 53% dos respondentes destinam entre 6 a

10 horas para isso, enquanto 38% destinam menos de cinco horas para o planejamento e apenas 9% dedicam-se entre 11 a 20 horas semanais para o planejamento de suas aulas (Tabela 62). Este resultado merece maior atenção, pois questiono como um professor com 31 a 40 horas-aula consegue ter de 6 a 10 horas semanais disponíveis para planejamento. Por conseguinte, o que pode evidenciar este dado é que o profissional da educação trabalha em casa, executando atividades de planejamento.

Tabela 63 – Proporção de professores segundo a existência ou não de dificuldades com as formas de planejamento.

	<i>Fr</i>	Fr%
Sim	29	29,00
Não	69	69,00
Não responderam	02	2,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Na lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não para você em seu trabalho: formas de planejamento.

Entre as situações que representam ou não problemas, 69 (69%) professores pesquisados apontam que as formas de planejamento **não** constituem um problema em seu trabalho, enquanto 29 (29%) professores indicam ter problemas com planejamento. Somente 2 (2%) dos participantes não responderam a este quesito. Situação semelhante é encontrada na pesquisa nacional, ou seja, 73,1% não têm problemas e 26,9% têm problemas com as formas de planejamento. (ANDRADE et al. 2004)

Tabela 64 – Proporção de professores conforme a presença ou não de dificuldade para avaliar.

	<i>Fr</i>	Fr%
Sim	25	25,00
Não	72	72,00
Não responderam	03	3,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Na lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você em seu trabalho: avaliar.

Entre as situações em que os professores indicaram existir ou não problemas em seu trabalho, 72 (72%) das amostras de professores não considera a avaliação um problema,

enquanto 25 (25%) dizem encontrar problemas em realizar a avaliação. Somente 3 (3%) dos participantes não responderam a este quesito. Os professores que constituíram esta pesquisa apresentaram opiniões similares aos docentes nacionais, já que no caso destes últimos, a maioria também não encontra problemas com relação à avaliação.

Tabela 65 – Proporção de Professores que encontram dificuldades nas atividades de avaliação/correção.

	<i>Fr</i>	Fr%
Sim	71	71,00
Não	29	29,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Na lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você em seu trabalho: avaliação/correção de atividades.

No que diz respeito ao tempo disponível para corrigir provas, cadernos, trabalhos e demais atividades pedagógicas dos alunos, 71 (71%) dos participantes desta pesquisa consideram isso como problema no seu cotidiano educativo, o mesmo ocorrendo com os professores em nível nacional (66,3%).

Tabela 66 - Proporção de professores segundo o estabelecimento da disciplina dos alunos em sala de aula.

	Fr	Fr%
Sim	42	42,00
Não	54	54,00
Não responderam	4	4,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Na lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você no seu trabalho: manter a disciplina dos alunos.

Quanto ao estabelecimento da disciplina em sala de aula, 54 (54%) referem-se à ausência desta dificuldade e 42 (42%) têm dificuldade com a disciplina dos alunos em sala de aula (Tabela 66).

Os dados desta pesquisa com relação à dificuldade ou não do professor em manter a disciplina dos alunos são proporcionais aos resultados da pesquisa nacional, ou seja, a maioria encontra dificuldade, enquanto que com uma diferença de 12% na minha pesquisa e 10% na

pesquisa nacional, os professores responderam não possuir dificuldade com relação à disciplina dos alunos. Trata-se de uma frequência significativa, portanto deve ser considerada.

Em contraponto a minha prática profissional, em outra realidade, com diferentes contextos e trajetórias profissionais de professores da rede pública, a indisciplina torna-se um fenômeno que tem crescido e tem favorecido a constituição de diferentes queixas escolares. Na minha realidade a indisciplina torna-se um fenômeno que carece da atenção e políticas públicas para a minimização de riscos.

Tabela 67 – Proporção de professores segundo o domínio de novos conteúdos.

	Fr	Fr%
Sim	7	7,00
Não	89	89,00
Não responderam	4	4,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Na lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você em seu trabalho: o domínio de novos conteúdos.

Outro aspecto que neste estudo o resultado coincide com o da pesquisa nacional é com relação ao domínio de novos conteúdos. Em ambos os casos, a grande maioria diz não ter problemas com novos conteúdos. Um fato que devo ressaltar como positivo, nas duas pesquisas, é a acentuada diferença que ocorre ao se comparar a frequência de professores que não encontram dificuldade com a dos que encontram. Em contrapartida, tive 4% dos professores que não responderam, fato que pode representar falta de atualização profissional.

Este dado me faz indagar sobre o papel dos cursos de formação continuada que têm priorizado nos últimos tempos as metodologias, pois não se agrega conteúdo e forma, ou seja, torna-se necessário resgatar nos referidos cursos novos conteúdos e metodologias e tecnologias inovadoras. Em compensação, cabe ressaltar que a aquisição de novos conteúdos também faz parte do projeto de vida profissional do educador, pois manter-se atualizado deve se constituir um dos pontos significativos para a qualidade no trabalho docente, sendo que o professor também deve possuir um estilo motivacional adequado para a busca de conteúdos atuais.

Tabela 68 – Proporção de professores segundo a falta de definição e objetivos claros.

	Fr	Fr%
Sim	31	31,00
Não	65	65,00
Não responderam	4	4,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Na lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você em seu trabalho: a falta de definição e de objetivos claros sobre o que deve ser feito.

Quanto à falta de definição e objetivos claros, a frequência de respostas pode ser descrita da seguinte forma: 65 (65%) dos professores não encontram dificuldade com a falta de definição e objetivos claros; em contrapartida, 31 (31%) afirmaram possuir dificuldades. Assim, a falta de definição e objetivos claros pode ser a profecia auto-realizadora, ou seja, se um educador não tem objetivos sobre sua prática profissional, sobre a necessidade do seu trabalho, não tem clareza sobre os objetivos estabelecidos pela escola e para a sua prática pedagógica isso pode ser um problema para atingir metas.

Outra conexão significativa entre os dados pode ser um indicador na revisão dos Programas de Formação Continuada, sob a perspectiva de três grandes vetores: objetivos claros, domínio de novos conteúdos e metodologias adequadas, para que se efetivem com qualidade as práticas educativas. A carência de integração entre tais esferas poderá comprometer a qualidade do trabalho pedagógico.

Tabela 69 – Proporção de professores com relação às características sociais dos alunos.

	Fr	Fr%
Sim	38	38,00
Não	58	58,00
Não responderam	4	4,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Na lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você em seu trabalho: as características sociais dos alunos.

Em continuidade à análise dos resultados, quanto à presença ou ausência de dificuldade, apresento agora o posicionamento dos pesquisados no que diz respeito às condições sociais do alunado. A maioria (58 respostas = 58%) colocou não ter dificuldades com relação às condições sociais do aluno, enquanto que numa frequência menor (38 respostas = 38%) notificou a presença de dificuldade nesta área.

É significativo, mesmo que em frequência menor, o que também ocorreu na pesquisa nacional, o fato de que ainda hoje se culpa o aluno pelo seu sucesso ou seu fracasso, ao considerar que o problema se constitui o único fator desencadeador da queixa escolar e ou baixo rendimento acadêmico do alunado.

Tabela 70 – Proporção de professores quanto a organizar o trabalho em sala de aula.

	Fr	Fr%
Sim	12	12,0
Não	84	84,0
Não responderam	4	4,0
Total	96	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Na lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você em seu trabalho: organizar o trabalho em sala de aula.

Dos 100 professores participantes de minha pesquisa, 84 (84%) responderam que não encontram dificuldade na organização do trabalho em sala de aula (Tabela 70). A organização positiva nos trabalhos em sala de aula pode estar contribuindo para o controle da disciplina dos alunos.

Tabela 71 – Proporção de professores segundo a importância do uso do computador na prática pedagógica.

	Fr	Fr%
Sim	97	97,00
Não	3	3,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

40. Você considera importante o uso do computador como recurso em sua prática pedagógica?

Em referência à importância do uso do computador na prática pedagógica, a grande maioria dos professores (97 respostas = 97%) reconhece esta ferramenta como necessária para a prática profissional enquanto apenas 3 (3%) não reconhecem a importância do computador para a prática pedagógica. Este dado pode ser um indicativo para a formação inicial de professores no que diz respeito à inclusão de disciplinas nos cursos de graduação, bem como à criação de ambientes de aprendizagem provocadores da alfabetização digital do futuro profissional da educação. Quanto à prática profissional, torna-se necessário resolver o impasse entre a disponibilidade da ferramenta na instituição educativa e as habilidades dos professores

para lidar com as tecnologias, sendo que este hiato poderá ser resolvido pelas metodologias empregadas em cursos de capacitação ou de formação continuada.

Tabela 72 – Proporção de professores segundo os motivos pelos quais atribuem importância ao computador para a prática pedagógica.

	Fr	Fr%
Facilita desempenho profissional	14	11,96
Ferramenta fundamental	5	4,27
Atualização	18	15,38
Dinamiza as aulas	23	19,69
Emprego de novas tecnologias	5	4,27
Arquiva trabalhos	1	0,85
Estimula alunos	17	14,53
Poucos computadores, às vezes quebrados.	1	0,85
Amplia conhecimentos	10	8,55
Explorar diversos assuntos da atualidade	1	0,85
A escola não possui	2	1,71
Necessidade	1	0,85
Facilita aprendizagem	8	6,84
Elaborar provas, pesquisas, trabalhos	11	9,40
Total	117	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

40 Você considera importante o uso do computador como recurso em sua prática pedagógica:

Quanto aos motivos atribuídos à importância do uso do computador, estes descrevem-se por uma diversidade de razões, sendo que os quatro motivos mais indicados foram: 23 (19,66%) dinamização das aulas, 18 (15,38%) atualização, 14 (11,97%) facilita o desempenho profissional e 11 (9,40%) elaborar provas, pesquisas, trabalhos (Tabela 72).

Este dado corrobora a informação apresentada na tabela 71, sendo que mais uma vez ratifica a importância do uso do computador. Em contraponto, nos faz questionar como está sendo formado (cursos de graduação) e como tem se evidenciado a construção de habilidades básicas para a utilização desta ferramenta nos cursos de capacitação ou formação continuada.

Tabela 73 – Proporção de professores segundo o local de utilização de computador.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Escola	14	51,85
Outro local de trabalho	1	3,70
Universidade	1	3,70
Casa de parentes	7	25,93
Casa de amigos	4	14,81
Total	27	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

25. Caso não possua computador em casa, onde costuma utilizar?

Os sujeitos que **não** possuem o computador em casa indicaram usá-lo na escola (51,85%), em casa de parentes (25,93%), e em casa de amigos (14,81%), na universidade e no local de trabalho (3%) (Tabela 73). Um dado que chama atenção é a alta porcentagem de professores com computador em casa, fato que pode ser explicado pelo incentivo e a facilidade oferecida pelo Governo Federal no financiamento de aparelhos populares aos profissionais da educação. Entretanto, esta hipótese é colocada em dúvida pelo fato de que os dados da pesquisa nacional mostram que 50,5% dos professores brasileiros não possuem computador (ANDRADE et al., 2004), ou trata-se de uma característica específica da população que constituiu a amostra de minha pesquisa.

Considerando a avanço tecnológico da sociedade atual, busquei conhecer a opinião dos pesquisados sobre a informática na educação. Desta maneira, observei que 97 (97%) participantes, portanto a maioria dos pesquisados, consideram importante o uso do computador como um recurso na sua prática pedagógica, justificando ainda conforme demonstrado na tabela B 40, que o computador colabora para dinamizar as aulas (19,6%), seguido da importância para atualização de sua prática (15,3%) e como terceira opção estimula os alunos (14,5%). Acrescentam que faz uso do aparelho na própria escola (55,8%), casa de parentes, amigos, etc.

Na pesquisa nacional, encontramos um panorama um pouco diferente, a começar pelo número de professores, ou seja, 50,5% deles não têm computador em casa. Os que possuem são 49,5%, sendo que esse percentual se amplia à medida que aumenta a renda familiar. O acesso à internet é mais freqüente nas famílias com renda mensal acima de 20 salários mínimos (ANDRADE et al. 2004).

Tabela 74 – Proporção de professores segundo a escolha de atividades a partir do aumento salarial.

	Fr	Fr%
Ensino em sala de aula	9	2,12
Formação continuada	65	15,33
Trabalho com colegas	53	12,50
Contato e atividades com pais de alunos	28	6,60
Trabalho com os alunos sobre temas que lhes interessem	50	11,79
Correção de provas, cadernos, trabalhos, etc.	24	5,66
Preparação de aulas	62	14,62
Trabalhos de pesquisa	60	14,15
Produção de materiais pedagógicos	73	17,22
Total	424	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

47. Caso sejam atribuídas dez horas de trabalho remunerado a mais por semana na escola em que leciona, qual das seguintes atividades você escolheria para ocupar esse tempo extra?

A preocupação com os inúmeros trabalhos e atividades extraclasse, que exigem do professor um tempo bem maior do que aquele em que permanece na sala de aula, oferecendo opções, perguntei aos participantes quais delas executaria na escola caso recebesse 10 horas remuneradas a mais em seu salário. A maioria indicou o item produção de material pedagógico 73 (17,22%), seguido de formação continuada com uma frequência de 15,33%, em terceiro lugar preparação de aulas com 62 (14,62%) e com 60 (14,15%) indicações, ocupando o quarto lugar de preferência, o item trabalho com pesquisa (Tabela 74).

Na pesquisa nacional, a opção dos professores diante desta questão foi diferente, ou seja, em todas as regiões do Brasil em primeiro lugar com 50,1% ficou a opção auto-aperfeiçoamento (ler, buscar novos materiais), seguida por formação continuada com 19,7% dos professores. Segundo Andrade et al. (2004), estes dados podem indicar a necessidade sentida pelos docentes em investir em sua formação devido às exigências da educação, e uma possível insatisfação com os cursos realizados.

Interessante que na pesquisa nacional, ao contrário dos resultados de minha pesquisa, ocorreu o desinteresse por opções ligadas ao trabalho escolar cotidiano, e a vida da escola, ou seja, produção de materiais pedagógicos (0,1%) e trabalhos de pesquisa (0,2%).

Tabela 75 – Proporção de professores segundo opinião a respeito do HTPc.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Espaço para estudo	34	16,92
Socialização das experiências	53	26,37
Convívio com os colegas	35	17,41
Orientação pedagógica	58	28,86
Tempo mal aproveitado	21	10,45
Total	201	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:
48 Sua opinião sobre o HTPc.

Em vários momentos deste trabalho expressei minha preocupação com a grande responsabilidade do professor na formação do cidadão, com o acúmulo de tarefas, e que além das inúmeras aulas, muitas estão distribuídas em diferentes escolas. Assim, procurei ouvir a opinião dos docentes quanto à Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo-(HTPc), por considerar ser um espaço valioso para estudo, socialização das experiências, de integração da equipe, e de confraternização, embora com minha prática profissional, o cenário que observo seja de tensão, pessimismo, reclamação e desesperança. A resposta obtida deixou-me surpresa, já que 58 (28,8%) respondentes afirmaram que o HTPc constitui-se um espaço para orientação pedagógica, seguido de 53 (26,37%) que colocaram como momento para socialização de experiências (Tabela 75).

Em compensação, a fala de estudantes estagiários de Psicologia Escolar Educacional, participantes dos projetos de intervenção, os quais estão sob a minha responsabilidade, ainda indica inconsistências quanto ao horário de trabalho pedagógico coletivo, apontando para um momento de revisão nas estratégias empregadas bem como na definição de objetivos claros e otimização do tempo empregado para a busca de soluções para dificuldades de domínio comum.

Por conseguinte, a título de finalização da análise e discussão dos resultados, apresento a seguir a avaliação dos participantes quanto aos aspectos relacionais, como colegas, coordenador pedagógico, funcionários, diretor, aluno e pais. Os participantes deste estudo forneceram as informações descritas nas tabelas 78 a 83.

Tabela 76 - Proporção de professores segundo avaliação do seu relacionamento com os colegas.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Ótimo	47	47,00
Bom	52	52,00
Regular	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

44. Conceitue a qualidade do seu relacionamento com os colegas.

No processo ensino-aprendizagem o fator que faz maior diferença entre o ensino que funciona e o que falha é o grau da capacidade do professor em estabelecer um tipo particular de relacionamento com a equipe técnico-educativa, com a família e sobretudo com o aluno. Por acreditar nesta premissa é que estabeleci em meu estudo a categoria **relacionamento interpessoal**.

A escola é a instituição em que a criança, o jovem e o educador passam o maior tempo de suas vidas, daí a necessidade de conhecer como o professor está percebendo e lidando com as relações humanas. Assim, ao solicitar que os docentes avaliassem o seu relacionamento com os diferentes seguimentos da escola, os resultados foram os seguintes: 52 (52%) dos participantes indicaram ter uma boa relação com os colegas, enquanto 42 (42%) dizem possuir uma ótima relação (Tabela 76).

Tabela 77 – Proporção de professores na avaliação do seu relacionamento com o coordenador pedagógico.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Ótimo	51	51,00
Bom	46	46,00
Regular	3	3,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

44. Conceitue a qualidade do seu relacionamento com o coordenador pedagógico.

Quanto ao relacionamento com o coordenador pedagógico, os professores avaliam da seguinte forma: 51(51%) mantêm uma ótima relação, enquanto 46 (46%) referem-se à boa relação. Somente 3 (3%) consideram o relacionamento com o coordenador pedagógico como regular (Tabela 77).

No caso do coordenador pedagógico, segundo Almeida et al. (2002, p. 78), “[...] o trato satisfatório com os relacionamentos interpessoais é condição *sine qua non* para o desempenho de suas atividades, dado que sua função primeira é a de articular o grupo de

professores para elaborar o projeto político pedagógico da escola [...]”. Desta maneira, é fundamental que o coordenador estabeleça relações interpessoais saudáveis para que os objetivos do projeto sejam alcançados. Para isso, as habilidades de relacionamento interpessoais, ou seja, o olhar atento, o ouvir ativo e o falar autêntico, devem ser desenvolvidos.

Tabela 78 – Proporção de professores na avaliação do relacionamento com os funcionários.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Ótimo	51	51,00
Bom	47	47,00
Regular	1	1,00
Não respondeu	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

44. Conceitue a qualidade do seu relacionamento: com os funcionários.

Dos 100 professores consultados, 51 (51%) avaliam como ótima sua relação junto aos funcionários, seguidos de 47 (47%) que a consideram como uma boa relação. Minha preocupação em conhecer o relacionamento com os funcionários é porque estes profissionais colaboram com todo o processo escolar, e são também diretamente responsáveis pela formação das crianças e jovens.

Tabela 79 – Proporção de professores segundo o relacionamento com o aluno.

	<i>Fr</i>	<i>Fr%</i>
Ótimo	37	37,00
Bom	59	59,00
Regular	3	3,00
Não respondeu	1	1,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

44. Conceitue a qualidade do seu relacionamento com seu aluno.

A questão do relacionamento interpessoal, conforme referência anterior constitui um dos fatores extremamente influentes no processo de ensino-aprendizagem e na formação do aluno como ser humano. Ao solicitar aos professores uma avaliação de seu relacionamento com os alunos, 59 (59%) responderam que mantêm uma boa relação, enquanto 37 (37%) indicaram uma ótima relação. Esta questão exige estudos mais apurados, tendo em vista a importância dessa relação na saúde mental do professor e do aluno, o que conseqüentemente contribui para um ensino/ educação de qualidade.

Tabela 80 – Proporção de professores segundo o relacionamento com o diretor.

	Fr	Fr%
Sim	12	12,00
Não	84	84,00
Não respondeu	04	4,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

54. Da lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você em seu trabalho: relacionamento com os diretores.

A sociedade contemporânea, respaldada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96 preconiza como uma das funções da escola, e aqui representada pelo professor, a formação cidadã.⁷ Para consecução de tal função, o professor tem que relacionar o conteúdo programático de sua área de formação com os temas atuais, propostos através dos temas transversais. Para isso precisa contar com o apoio de seus pares e principalmente do gestor escolar, já que em tais objetivos e os demais da educação escolar requer-se um comprometimento e empenho da equipe educativa, e para isso a figura do diretor é fundamental. Acreditando neste posicionamento, acrescentei no instrumento de coleta de dados de minha pesquisa o item onde o respondente deveria avaliar o relacionamento com o diretor de sua escola. Para minha surpresa, a maioria dos professores (84%) disse **não enfrentar** problemas na relação com o diretor; somente 12 (12%) responderam ter problemas com o gestor (Tabela 80). Tal resultado causou em mim surpresa e certa inquietação, já que em minha prática profissional observo expressões corporais e verbais dos professores, muitas vezes sem a preocupação de disfarçar ou correr o risco de faltar com a ética, que pode estar sinalizando certo grau de insatisfação, sentimento de desesperança pelas atitudes vivenciadas por seus diretores.

Tabela 81 – Proporção de professores segundo a avaliação do relacionamento com pais de alunos.

	Fr	Fr%
Sim	21	21,00
Não	76	76,00
Não respondeu	03	3,00
Total	100	100%

Nota: Foi perguntado aos professores:

44. Conceitue a qualidade do seu relacionamento; com a família de seus alunos.

⁷ No Título II da LDB: Dos princípios e fins da educação nacional. Em seu Artigo 2º estabelece como finalidades da educação “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

A crise atual que atinge a todos os seguimentos da sociedade, e principalmente a educação, ao contrário do que muitas vezes ocorre, deve promover em toda a população, e neste caso, na equipe educativa, impacto que mobilize para uma ação conjunta. Parte integrante neste contexto, a família⁸ - que é a instituição social responsável pela socialização primária da criança e a formação do jovem - hoje se encontra alterada, desprotegida, vivendo uma profunda crise de valores e de recursos materiais, impedindo e/ou dificultando que cumpra seu papel, e infelizmente muitas delas delegando à escola responsabilidades que são suas. O fato de a família deixar de cumprir e/ou delegar à escola as suas responsabilidades é preocupante e, por isso, defendo a tese de que ela precisa ser cuidada e orientada. Assim, solicitei aos participantes desta pesquisa que conceituassem seu relacionamento com as famílias dos seus alunos. A maioria – 76 (76%) - não encontra problemas na relação com os pais dos seus alunos, e somente 3 (3%) alegaram ter problemas. Considero os resultados animadores e indicadores da possibilidade de integração entre família e escola na promoção da saúde e formação do alunado.

⁸ O conceito de *família* aqui utilizado se refere aos diferentes tipos hoje existentes, não somente o de *família nuclear*, ou seja, constituída pelos pais e filhos.

5 CONCLUSÃO

Como o meu estudo pretendia traçar o perfil pessoal e profissional dos professores do Ensino Fundamental (ciclo II) e Ensino Médio da região de Jaú, chegamos ao seu final com os resultados apresentados detalhadamente no capítulo anterior, e como conclusão retomo alguns dados seguindo as três dimensões consideradas, ou seja, 1. Identificação Pessoal e Profissional, 2. Acesso à Cultura e Atualização Profissional e 3. Avaliação da Profissão e da Prática Docente.

Na primeira dimensão, **identificação pessoal e profissional**, a grande maioria constitui-se de professoras, portanto há uma prevalência absoluta do sexo feminino, casados, com uma constituição familiar possuindo um número reduzido de filhos (de 1 a 2 filhos), indicando uma possível redução familiar. A faixa etária concentra-se entre 26 a 45 anos; e ao comparar a idade dos profissionais deste estudo com os brasileiros encontrei semelhança, enquanto que ao compará-los com os dados em nível internacional, constatei que os professores brasileiros são mais jovens.

A análise da escolaridade paterna e materna dos professores solteiros indica uma mobilidade social entre os professores e seus pais, já que estes últimos apresentam uma escolarização precária, ou melhor, a maioria não teve acesso ou oportunidade de seguir pelo processo de seriação escolar.

Interessante notar que foi procedente minha preocupação em verificar na amostra a ocorrência da influência familiar para a escolha do magistério, já que dos 100 sujeitos consultados a maioria possui irmãos e/ou familiares não constituintes da família de origem que estão ligados à docência, o que permite concluir e ratificar estudos anteriores sobre a influência de modelos afetivos.

Com uma renda mensal entre 6 a 10 salários mínimos e casados com profissionais proprietários ou funcionários da indústria e do comércio calçadista, os professores estudados não apresentam necessidade de manter economicamente suas famílias.

Esta situação difere dos resultados da pesquisa nacional, ou seja, embora os professores brasileiros possuam uma renda mensal semelhante à renda daqueles do município de Jaú, entre 2 a 10 salários mínimos, uma parcela (32,5%) dos profissionais brasileiros contribui com mais de 81% da renda familiar.

Neste estudo os professores possuem casa própria e a maioria se autodenomina pertencer à classe média, embora com pequena diferença de percentual existem os que se colocam como classe média baixa. Os professores da pesquisa nacional se posicionam como sendo da classe média baixa, mesmo os que apresentam uma renda mensal acima de 20 salários mínimos.

Ao se comparar a condição econômica atual com a da sua infância, tanto com a amostra de minha pesquisa como a da nacional é notória a existência da mobilidade social intergeracional ascendente, pelo diferencial de escolaridade dos professores com relação à de seus pais, e pela melhoria das condições econômicas atuais dos professores comparadas às da infância.

Os professores reservam tempo para o lazer. Este fato é importante, principalmente se compararmos aos dados da pesquisa sobre o estresse do professor, que desenvolvo junto ao Laboratório de Pesquisa em Psicologia Escolar/ Educacional/ USC, no qual busco juntamente com outro colega pesquisador conhecer fatos e situações na vida deste profissional que podem ser eventos estressores. A literatura sobre o estresse ocupacional (CODO, 1999) e os dados do referido estudo indicam a necessidade do lazer para a prevenção do estresse. Assim, considerando que os sujeitos do meu estudo se permitem viver momentos e situações de lazer, é um forte indicativo da preocupação que possuem com a saúde mental. Fato que se reverte na melhoria das relações interpessoais, e conseqüentemente na qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

O tempo de atuação está entre 11 e 20 anos, são profissionais concursados e efetivos, com carga horária de semanal de 31 a 40 horas-aula, sendo a maioria em uma única escola. O ensino fundamental e o ensino médio ocorreram na rede pública e a graduação na rede privada. Grande proporção possui computador em casa e conceitua a tecnologia como um ótimo dinamizador para a prática educativa. A presença do computador em casa e o valor a ele atribuído pelos professores da minha amostra contradizem o que percebo em minha prática, ou seja, na maioria das Unidades Escolares da região em que atuo como supervisora de Psicologia Escolar e Prática de Ensino da Psicologia encontramos laboratórios de informática muito bem equipados, mas infelizmente protegidos à chave, alguns até com grade, para que professores e alunos não os utilizem e os danifiquem. Encontramos também muitos professores sem o conhecimento suficiente dessa tecnologia para poderem ensinar os alunos a utilizá-la.

A concentração das áreas de graduação articula-se entre a Física, a Química, a Biologia, a Língua Portuguesa e a Matemática, e aqueles que realizaram a pós-graduação o

fizeram em nível *latu sensu*. A expectativa profissional para o futuro é permanecer na mesma função, ou seja, continuar na docência.

Na segunda dimensão, **acesso à cultura e atualização profissional**, os participantes apresentaram uma diversidade de atividades culturais, desde ir ao cinema até ao show de rock, com distribuição de frequências diferentes e marcadas por três índices: ir ao cinema, assistir fitas de vídeo e frequentar ambientes com música ao vivo, tendo como referência o último ano. Somando-se a estas constatações também podem ser encontrados dados significativos sobre o incentivo à leitura (oriundo primariamente da mãe, o que pode estar atrelado ao modelo familiar que o professor vivenciou em que a figura materna torna-se responsável pela educação dos filhos). Os dois gêneros com maior percentual de indicação foram assuntos diversos e livros da área específica de atuação do professor. Na pesquisa nacional, os professores brasileiros indicam maior interesse pela leitura sobre pedagogia/ educação.

Quanto à atualização profissional, apesar dos professores terem um tempo relativo de atuação profissional e uma parcela significativa de efetivos e concursados, nota-se uma discrepância entre a frequência em eventos científicos e a participação em cursos de formação continuada, considerando que as políticas do governo do estado para esta modalidade estão mais intensificadas nos últimos anos. Discrepância no sentido que no cotidiano do professor, com o número de aulas semanais, excessivas atividades extraclasse, falta de recursos financeiros, pressupõe-se ser mais fácil participar de eventos que acontecem esporadicamente do que participar de curso de capacitação, que normalmente ocupa os finais de semanas e/ou vários dias na semana.

Na terceira dimensão, **avaliação da profissão e prática docente**, iniciando pela avaliação da profissão, torna-se significativo ressaltar a indicação da não dificuldade em avaliar, ao mesmo tempo em que atribuem à progressão continuada o conceito de regular e ruim, definem como bom o apoio pedagógico. Por outro lado acentuam a pequena inserção nas tomadas de decisões pedagógicas, indicando também a pouca valorização da profissão pela sociedade e pela própria categoria. Tais dados podem servir como um incremento para a construção do autoconceito negativo da profissão, gerador de fatores de insatisfação e, por conseguinte, do mal-estar docente. Ainda com relação ao indicador avaliação da profissão, os professores consultados indicaram os cursos de formação continuada como uma possibilidade para melhorar a prática profissional, acrescentar conhecimentos, possibilidade de atualização, e em quarto lugar a oportunidade para troca de experiências. E como estímulo para frequentar tais cursos, indicaram em primeiro lugar, o aprimoramento pessoal e profissional, seguido dos estímulos salariais. Já os professores da pesquisa nacional indicaram em primeiro lugar os

estímulos salariais, seguido da promoção de carreira. Correlação que mais uma vez pode nos indicar a especificidade da população por mim estudada.

Quanto aos fatores próprios da **prática docente**, nesse estudo observei os seguintes dados: a maioria dos professores destina de 6 a 10 horas para o planejamento de aulas, dado que me despertou a atenção, já que a maioria possui de 31 a 40 horas-aula semanais. Indicaram ainda **não constituir** problema para sua prática docente a forma de planejamento, a avaliação, manter a disciplina dos alunos, organizar o trabalho em sala de aula, ter o domínio de novos conteúdos, a falta de objetivos claros, condições sociais dos alunos, manejo da prática pedagógica. Apresentaram como **problema** no cotidiano escolar os inúmeros trabalhos e atividades extra classe, que exigem um período de tempo maior do que o de permanência em sala de aula, dado que pode justificar a indicação do preparo de material pedagógico, pela maioria dos professores, caso recebesse um aumento salarial de 10 horas. Já no estudo nacional, ao contrário dos resultados da minha pesquisa, ocorreu o desinteresse por opções ligadas ao cotidiano escolar. (ANDRADE et. al, 2004).

No que diz respeito à Hora de Trabalho Pedagógico (HTPc), os professores participantes de minha pesquisa definiram-na como espaço valioso para o estudo, para a socialização de experiências e para a integração da equipe. No quesito relações sociais, avaliaram como boa a relação com os seus pares, ótima com o coordenador pedagógico, funcionários, como também não encontram dificuldade no relacionamento com a família do aluno.

Nas questões relativas à prática docente, encontrei entre elas pontos de discordância e semelhanças, podendo evocar múltiplas discussões de cunho teórico e prático.

No que diz respeito aos pontos de concordância e discordância com a minha prática profissional, bem como os estudos sistematizados sobre o perfil do professor em nível nacional, apontaram para dois grandes vetores.

O **primeiro** refere-se aos pontos concordantes que me fazem refletir sobre o núcleo comum do perfil do professor brasileiro e aquele que estudei. O ponto de discordância descortina-se a partir da comparação efetivada com minha prática docente, evidenciando-se características próprias da população que estudei e tão diferentes da população com que atuo, sendo que se torna evidente que existem características regionalizadas que dependem do contexto de atuação.

O **segundo** diz respeito à implantação de projetos educativos efetivos para a formação inicial e continuada de professores. Quanto aos cursos de formação de professores em nível de graduação, ao traçar o perfil do professor desta região e os pontos diferenciados com a minha

prática docente, me fazem olhar para a necessidade dos projetos pedagógicos evidenciarem não somente o perfil do profissional a ser formado de modo global, mas de modo amiúde atentar para as competências e habilidades pertinentes aos contextos de atuação do local e da região em que o curso de licenciatura esteja inserido. Quanto à formação continuada, as múltiplas leituras que este trabalho me possibilitou apontam que o gerenciamento destas atividades de acesso à cultura e atualização profissional também devem olhar para as questões da região, devem estar voltadas às trocas de informações entre professores iniciantes e aqueles que já colecionam uma prática efetiva, que devem propiciar a construção de novos conteúdos, porém também proporcionar ambiências de aprendizagem em que o profissional da educação possa exercitar novas metodologias. Além do pedagógico, os cursos de formação continuada devem estabelecer um vínculo entre o relacional e o pedagógico, ou seja, trabalhar as modalidades de relação e o trabalho em equipe como indicadores de qualidade, somados às questões como definição de objetivos claros, alfabetização tecnológica, novos conteúdos e a utilização de inovações metodológicas.

Finalmente, estudar o perfil do professor da rede pública de ensino me mantém viva, incita as discussões sobre as políticas públicas e a necessidade de mudanças metodológicas, incentiva a produção de conhecimento, reconhece a importância do trabalho docente e a necessidade em relacionar a formação inicial e continuada de professores.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. (Org.). *Formação de professores no Brasil, 1990-1998*. Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002. (Série estado do conhecimento, 6).
- ANDRÉ, M. A pesquisa sobre formação de professores no Brasil – 1990 – 1998. In: CANDAU, V. M. (Org.) *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa (ENDIPE)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 83 – 99.
- ANDRÉ, M.; SIMÕES R. H. S.; CARVALHO, J. M. Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação e Sociedade*. Belo Horizonte. V.20, n. 68, p.301-309, dez. 1999.
- ANDRADE, E. R. et al. *O Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo: Moderna, 2004. (Pesquisa Nacional Unesco).
- ARROYO, M. G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BLASE, J.J. A social-psychological grounded theory of teacher stress and burnout. *Educational Administration Quarterly*. v.18, n.4, p. 93-113, 1982.
- BRASIL. Brasília. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 027833, col. 1,23 dez. 1996.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.
- CODO, W. (Coord.), *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. *Retrato da Escola 3: A realidade sem retoques da educação no Brasil*. Disponível em: <<http://www.cnte.org.br>>. Acesso em 07 jul. 2003.
- ESTEVE, J. M. *O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*, Bauru: Edusc, 1999.
- GATTI, B. *Os professores e sua identidade: o desenvolvimento da heterogeneidade*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 98, p. 85-90, ago.1996.
- GOBLE, N. M. PORTER, J. F. *La cambiante función del profesor*. Madri:Narcea, 1980.
- INFORSATO, E. C. *Dificuldades de Professores Iniciantes: elementos para um curso de Didática*. 1995. 204f. Tese (Doutorado em 1995) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico, 2000: características da população e dos domicílios*. Rio de janeiro: IBGE, 2001.

JAÚ. Prefeitura Municipal. *História de Jaú*: São Paulo, dez. de 2006a. Disponível em: <http://www.jaú.sp.gov.br>. Acesso em 02 de jan. 2007.

JAÚ. GNU Free Documentation License, enciclopédia livre Wikipédia. Dez. de 2006b. Jaú: São Paulo. Disponível em; <<http://www.Wikipédia.org>> Acesso em 02 de Janeiro de 2007.

LAURO, G. I. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes; CNTE, 1997.

LIBÂNEO, J. C. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências profissionais e profissão docente*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção questões da nossa época, 67)

LOPES, P. A. *Probabilidades & Estatística: conceitos, modelos, aplicações em Excel*. Rio de Janeiro: Reichmann& Affonso Editores, 1999.

NÓVOA, A. Formação de Professores e sua Profissão Docente. In: Nóvoa, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OSÓRIO, L. C.; VALLE, M, E, P. *Terapia de família: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

RIOS, T. A. *Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, M. M. *Formação de Professores: o descompasso entre teoria e prática*. 1998. 96 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, São Paulo.

SINISCALCO, M. T. *Perfil estatístico da profissão docente*. [tradução B&C Revisão de Textos S/C Ltda.]. São Paulo: Moderna, 2003.

TEDESCO, J.C. *O novo pacto educativo*. São Paulo: Ática, 1998.

TEDESCO, J. C. Prefácio. In: ANDRADE, E. R.; ABRAMOVAY, M., NUNES, M. F. R. NETO, M. F. *O Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. Pesquisa Nacional Unesco, São Paulo: Moderna, 2004.

TORRES, R. Tendências da formação Docente nos anos 90. In: Warde, M.J. (Org.). *Novas Políticas educacionais: críticas e perspectivas*. São Paulo: PUC, 1998.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, L. R. O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica. (67 – 79) In: ALMEIDA, L. R. PLACCO, V. M. N. de S. (Coord.), *O coordenador pedagógico e o espaço da mudança*. São Paulo: Loyola, 2002.

ANASTASI, A.; URBINA, S. *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FALSARELLA, A. M. Estudo Três: políticas de capacitação e mudanças no cotidiano escolar. In: SAMPAIO, M. M. F. (Org.). *O cotidiano escolar face às políticas educacionais*. Araraquara: JM Editora, 2004. p.69-94.

DIAS DA SILVA, M. H. G. F. *O professor e seu desenvolvimento profissional: Superando a concepção do almoz incompetente*. Cadernos CEDES.. v. 19, n. 44, p. 33 – 45, abr. 1998.

KUENZER, A. Z. As Políticas de formação: A constituição da identidade do professor sobrance. *Educação e Sociedade*. Belo Horizonte. v.20, n. 68, p.163 – 183 dez. 1999.

MORIN, E. *Cabeça bem-feita: pensar a reforma, reformar o pensamento*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

Título: Perfil Pessoal e Profissional de Professores do Ensino Fundamental e Médio: uma investigação com profissionais pertencentes à Diretoria de Ensino de Jaú – SP.

Eu, _____, idade _____
portador (a) do RG. N° _____ endereço _____

_____,
dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário (a) do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da aluna Ester Tereza Senger Petroni e do Dr. Edson do Carmo Inforsato, professor do Programa de Pós- Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Araraquara.

Assinando o termo de livre consentimento estou ciente que:

1. O presente estudo tem como objetivo elaborar o Perfil Pessoal e Profissional do Professor da rede pública do município de Jaú, Estado de São Paulo;
2. Durante o estudo será solicitado que eu responda a um questionário;
3. Não há riscos ou benefícios pela minha participação;
4. Responder este instrumento poderá me causar certo constrangimento;
5. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre minha participação na referida pesquisa;
6. Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa;
7. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais, obtidos a partir da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada;
8. Poderei contatar com a referida pesquisadora através do telefone (14) 3203 6716;
9. Este Termo de Livre Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e a outra com o pesquisador responsável.

Bauru, _____ de _____ de 2004.

Assinatura do (a) voluntário (a)

Assinatura pesquisadora
Ester Tereza Senger Petroni

ANEXO B – QUESTIONÁRIO

PERFIL PESSOAL E PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: UMA INVESTIGAÇÃO COM PROFISSIONAIS PERTENCENTES À DIRETORIA DE ENSINO DE JAÚ-SP

Número de identificação: _____

1. Sexo:

- feminino
 masculino

2. Faixa etária

- até 25 anos
 de 26 a 35 anos
 de 36 a 45 anos
 de 46 a 55 anos
 acima de 56 anos

3. Estado Civil:

- solteiro(a)
 casado (a)
 outro

Especificar: _____

4. Filhos:

- sim
 não

Em caso afirmativo. Especificar o número de filhos. _____

5. Nível de escolaridade:

- graduação
 pós – graduação

Especificar a área _____

6. Tempo de formação

- até 05 anos
 de 06 a 10 anos
 de 11 a 20 anos
 mais de 20 anos

7. Caso seja solteiro (a), indique o nível de escolaridade de seu pai e de sua mãe:

	Pai	Mãe
Sem escolaridade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fundamental incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fundamental completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Ensino Médio incompleto	()	()
Ensino Médio completo	()	()
Ensino Superior incompleto	()	()
Ensino Superior completo	()	()
Pós-graduação	()	()

Caso seja casado (a) ou tenha um companheiro (a), responda as questões de n.o 8, 9, 10.

8. Nível de escolaridade:

- () sem escolaridade
- () ensino fundamental (ciclo I)
- () ensino fundamental (ciclo II)
- () ensino médio
- () graduação
- () pós – graduação

Especificar: _____

9. Faixa etária:

- () até 25 anos
- () de 26 a 35 anos
- () de 36 a 45 anos
- () de 46 a 55 anos
- () acima de 55 anos

10. Profissão do cônjuge ou companheiro (a)

- () funcionário(a) público (municipal, estadual ou federal)
- () profissional liberal
- () proprietário(a) de empresa
- () funcionário(a) de empresa particular
- () atualmente sem emprego

11. Você é o principal provedor de renda de sua família?

- () sim
- () não

12. Renda familiar mensal:

- () até 02 salários mínimos
- () de 03 a 05 salários mínimos
- () de 06 a 10 salários mínimos
- () de 11 a 20 salários mínimos
- () acima de 20 salários mínimos

13. Condição de moradia:

- () casa própria
- () alugada
- () cedida

14. Indique em que classe social você se identifica:

- () alta
- () média alta
- () média

- média baixa
 baixa

15. Avalie sua situação econômica atual, em relação à de seus pais quando você era criança:

- melhor
 pior
 igual

16. A sua formação no ensino fundamental foi em:

- escola pública
 escola privada
 ambas

17. A sua formação no ensino médio foi em:

- escola pública
 escola privada
 ambas

18. Tipo de estabelecimento que lhe conferiu o título para a prática da docência:

- público
 privado
 ambos

19. Na sua família, além de você há alguém que se dedique ou tenha se dedicado à prática docente?

- pai
 mãe
 irmão
 outro familiar

Especificar: _____

20. Quando criança, sua família o(a) incentivava a:

Leitura jornal revista livros
Frequentar teatro música cinema

21. Qual pessoa de sua família que tinha/tem esse hábito:

- pai
 mãe
 irmão
 outro

Especificar: _____

22. Atualmente, que leitura prefere?

- revista especializada em educação
 assuntos diversos
 livros de sua área de atuação
 livros sobre educação
 livros de ficção
 outras.

Especificar: _____

23. Acesso à informação:

- jornal local estadual

- rádio
- televisão
- internet

24. Você tem computador em sua casa?

- sim
- não

25. Caso não possua computador em casa, onde você costuma utilizar?

- escola
- outro local de trabalho
- universidade
- casa de parentes
- casa de amigos

26. Você atribui sua opção em ser professor a quais fatores:

- gosto por ensinar
- profissão de prestígio social
- profissão rentável
- influência familiar
- interesse desde criança
- única opção em obter um diploma

27. Ser professor modificou sua vida quanto a:

- respeito familiar
- credibilidade no próprio potencial
- respeito social
- melhoria financeira
- realização pessoal
- realização profissional
- realização pessoal e profissional
- autonomia financeira
- nada modificou

28. Atualmente, você reserva um tempo para o lazer.

- sim
- não

Especificar: _____

29. No último ano quantas vezes você foi a:

- museus
- exposições em centros culturais
- cinema
- shows de rock
- shows de música popular ou sertaneja
- concertos de música erudita ou ópera
- danceterias, bailes, bares com música ao vivo
- clubes
- estádios esportivos
- assistir fita de vídeo em sua residência.

30. Tempo de atuação como professor:

- () até 05 anos
 () de 06 a 10 anos
 () de 11 a 20 anos
 () acima de 20 anos

31. Tipo de escola em que iniciou a carreira de professor:

- () pública
 () privada
 () ambas

32. Situação funcional atual:

- () efetivo concursado
 () efetivo sem concurso
 () contrato temporário/ ACT
 () professor eventual
 () contrato CLT

33. Desenvolve outra atividade remunerada além do magistério:

- () sim
 () não

Qual? _____

34. Leciona também na rede particular de ensino:

- () sim
 () não

Há quanto tempo? _____

Em que nível de ensino? _____

35. Atualmente você leciona na(s) escola(s):

Instituição educativa: _____ quanto tempo _____

Cidade: _____ Estado _____ Nível de ensino

Disciplina(s) _____ () pública () particular

Instituição educativa: _____ quanto tempo _____

Cidade: _____ Estado _____ Nível de ensino

Disciplina(s) _____ () pública () particular

Instituição educativa: _____ quanto tempo _____

Cidade: _____ Estado _____ Nível de ensino

Disciplina(s) _____ () pública () particular

36. Número de aulas por semana:

- até 05 aulas
- de 06 a 10 aulas
- de 11 a 20 aulas
- de 21 a 30 aulas
- de 31 a 40 aulas
- acima de 40 aulas

37. Todas as aulas citadas são em uma mesma escola?

- sim
- não

38. Número de horas semanais que você dedica ao planejamento de suas aulas:

- menos de 05 horas
- de 06 a 10 horas
- de 11 a 20 horas
- acima de 20 horas

39. Acesso a livros e materiais pedagógicos:

- compra
- empresta em bibliotecas
- empresta de amigos
- recebe material fornecido pelo governo

40. Você considera importante o uso do computador como recurso em sua prática pedagógica:

- sim
- não

Por que? _____

41. Você assina periódico?

- sim
- não

Qual ? _____

Por que? _____

42. Número de eventos (encontro, simpósio, workshop, seminário, palestra, congresso, curso, etc) em que você participou ao longo de sua carreira:

- até 05
- de 06 a 10
- de 11 a 20
- acima de 20

43. Número de cursos de capacitação que você já fez:

- até 05
- de 06 a 10
- de 11 a 20
- acima de 20

44. Conceitue a qualidade do seu relacionamento:

Com seus colegas de trabalho

Ótima Boa Regular Ruim

Com o Coordenador Pedagógico de sua escola

Ótima Boa Regular Ruim

Com a direção de sua escola

Ótima Boa Regular Ruim

Com os funcionários de sua escola

Ótima Boa Regular Ruim

Com seus alunos

Ótima Boa Regular Ruim

Com a família de seus alunos

Ótima Boa Regular Ruim

45. Como você classifica o nível de apoio pedagógico para as suas atividades regulares em sala de aula?

Ótimo Bom Regular Ruim

46. Você participa das decisões pedagógicas em sua escola?

sim

não

47. Caso sejam atribuídas dez horas de trabalho remunerado a mais por semana na escola em que trabalha, quais das seguintes atividades você escolheria para ocupar esse tempo extra?

ensino em sala de aula

formação continuada

trabalhar com colegas

contato e atividades com os pais de alunos

trabalho com os alunos sobre temas que lhe interessam

correção de provas, cadernos, trabalhos, etc.

preparação de aulas

trabalhos de pesquisa

produção de materiais pedagógicos

48. Sua opinião sobre o HTPC

espaço para estudo

socialização das experiências

convívio com os colegas

orientação pedagógica

tempo mal aproveitado

49. Avaliação da progressão continuada:

Ótima Boa Regular Ruim

50. Avaliação da valorização da profissão docente pela sociedade brasileira:

- muito valorizada
- pouco valorizada
- profissão não valorizada

51. Valorização da profissão pela categoria

- auto-valorização
- auto-desvalorização
- indiferente

52. Em relação ao seu trabalho, em comparação ao início de sua carreira, você diria que está:

- mais satisfeito
- igualmente satisfeito
- menos satisfeito
- insatisfeito

53. Aspiração profissional para os próximos anos:

- permanecer na função atual
- ocupar cargos de direção e administração escolar
- permanecer na função atual, mas em outra escola
- realizar outra atividade profissional na área educacional
- dedicar-se a outra profissão

54. Da lista abaixo, indique quais situações representam problemas, ou não, para você em seu trabalho:

	Sim	Não
Manter a disciplina entre os alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A relação com os diretores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A relação com os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O trabalho com os colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O domínio de novos conteúdos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A falta de definição e de objetivos claros sobre o que deve ser feito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As formas de planejamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A relação com os pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As características sociais dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Organizar o trabalho em sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Avaliar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O tempo disponível para corrigir provas, cadernos, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

55. Como você define os programas de formação continuada e em que aspectos os mesmos podem facilitar sua prática educativa

56. Quais são os estímulos mais eficazes para você optar por um curso de formação continuada?

- estímulos salariais
- uso do tempo de trabalho para capacitação
- diplomas e certificados formais
- aprimoramento profissional
- aprimoramento pessoal e profissional
- promoção na carreira docente e de administração

ANEXO C - RELAÇÃO DOS PAÍSES QUE PERTENCEM A ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE

Alemanha
Austrália,
Áustria,
Bélgica (flam.);
Canadá;
Coréia do Sul;
Dinamarca;
Eslováquia;
Espanha;
Estados Unidos;
Finlândia;
França;
Grécia;
Holanda;
Hungria;
Irlanda;
Islândia;
Itália;
Japão;
Luxemburgo;
México;
Noruega;
Nova Zelândia;
Polônia;
Portugal;
Reino Unido;
República Checa;
Suécia;
Suíça;
Turquia

**ANEXO D - RELAÇÃO DOS PAÍSES PARTICIPANTES DO WORLD
EDUCATION INDICATORS - WEI**

Argentina;
Brasil;
Chile;
China;
Egito;
Federação Russa;
Filipinas;
Indonésia;
Israel;
Jordânia;
Malásia;
Paraguai;
Peru;
Tailândia;
Uruguai;
Zimbábue